

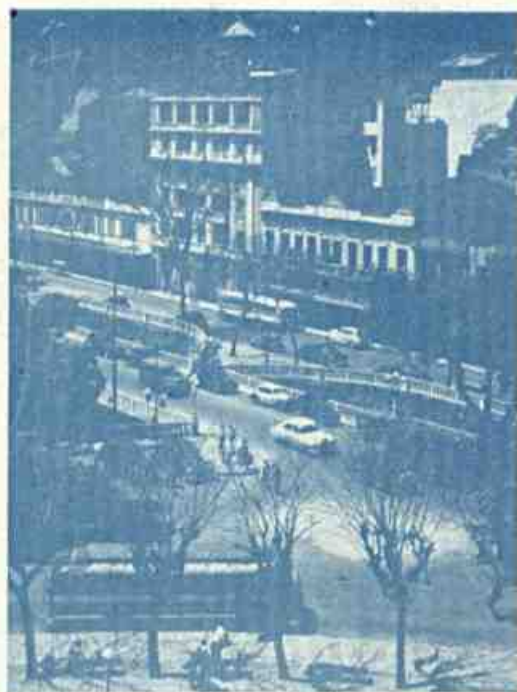
TEATRO ☆
Ilustrado

ANO II — JULHO — N.º 11

Distribuição gratuita nos teatros



MORINEAU



Vai a Petrópolis?

Hospede-se no

“GRANDE HOTEL”

o melhor localizado da linda cidade serrana (Av. 15 de Novembro, 545. Sob a direção de seu proprietário ZANARDI GALIANO. V. S. encontrará o melhor passadio, o melhor conforto, sentindo-se tão bem como em sua própria casa.

Teatro Ilustrado

e os seus leitores...

ASSINATURA DE TEATRO ILUSTRADO — "Li no jornal "O Dia" uma opinião a respeito de uma revista sobre coisas de teatro, intitulada Teatro Ilustrado. Seria possível o amigo conseguir-me os 9 números anteriores, bem assim dar-me o endereço para obter uma assinatura? Aguardo este grande favor" — escreve o sr. Waldemiro Brandão em carta ao superintendente da S. B. A. T., sr. Djalma Bittencourt. O sr. Waldemiro Brandão reside em Rio do Ouro, Agência Virajuba, antiga Maricá, na linha da Leopoldina. Impossível atendê-lo com referência à coleção dos números atrasados, pois estão esgotados, constituindo raridade.

PRECIZO LER COM URGÊNCIA — "Tenho lido sua excelente revista Teatro Ilustrado" até o 6 número, mas preciso ler com urgência os números de 6 para diante, que até agora não chegaram a São Paulo" — diz o sr. Paulo Fábis em nova carta dirigida a esta redação. Gostaríamos também de atendê-lo, mas números atrasados é, como disse antes acima, impossível.

MADRID, EM 18 DE JUNHO DE 1959 — "Meu velho e querido amigo Djalma: ... por falar nisso, a Marisa Prado adorou sua revista e a reportagem do Edillerto. Este continuará mandando boas coisas, somos dois aqui a buscar assunto para você" ... trecho da carta de Armando Pacheco vinda de Madrid e comentando a repercussão de Teatro Ilustrado naquela capital, entre gente de teatro. "A revista chegou aqui na Semana Brasileira e foi disputadíssima" — Cayetano Luca de Tena, o grande diretor de Teatro que por aí andou fazendo negócios com "Gigi" concedeu-nos também uma entrevista. Todos têm gostado da revista. Pena você não mandar mais exemplares..."

PUBLICAÇÃO ESPECIALIZADA — Lúcio Flaus, seguro crítico de teatro e colaborador de "O Dia," teve palavras animadoras dirigidas ao nosso companheiro de direção, Ney Machado, que agradecemos e transcrevemos:

"REALMENTE tudo é difícil em teatro. Até mesmo publicações especializadas nos assuntos. É bem verdade que já as tivemos, em certas ocasiões, onde uma das mais interessantes era a "Comédia", dirigida pelo crítico de teatro, Briccio de Alencar. Todas deixaram de aparecer. Não se trata da falta de interesse mas de uma questão de momento. Dificuldades econômicas. Basta que se pense no papel e qualquer ideia marcha..."

O herói do assunto, estoleiramente vencendo todas as barreiras, é o crítico Ney Machado, que já deu ao público o nono número de "Teatro Ilustrado", periódico exclusivo de teatro, desde que cinquenta por cento da matéria é dedicada à arte de representar e seus problemas.

A revista é feita com muita dificuldade mas tem a responsabilidade de bons escritores e profundos conhecedores do mister. É verdade que certas colaborações são grandes e pouco movimentadas. Apresentação interessante.

O mais importante dessa vitoriosa revista "Teatro Ilustrado" é que ela chega ao público por meio de uma distribuição gratuita. Francamente!

Vale a pena incentivar o amigo Ney Machado com a sua obra colaboradora do teatro nacional. Pelo menos que os anunciantes sejam o seu grande ponto de apoio.

É quando recebermos o próximo número vamos mandar encadernar as dez primeiras revistas e guardar esse precioso subsídio da vida teatral brasileira!"

DEPOIS DE FUMAR, DE BEBER, DE COMER...

CHICLE DE BOLA PING PONG É BOM



- Conserva fresco seu hálito
- Auxilia a digestão
- Protege seus dentes

Traga sempre com você o delicioso Chicle de Bola "Ping-Pong". Recuse as imitações. Chicle de Bola, só "Ping-Pong".

CHICLE DE BOLA
PING-PONG

Refrescante sabor de hortelã



TEATRO

Ilustrado

INSTITUCÃO GRATUITA DOS TEATROS SOB OS AUSPÍCIOS DA UFRJ

DIRETORES

DJALMA R. TEIXEIRA — NEY MACHADO

Gerente

PAULO COSTA PEREIRA

Dir. de Publicidade:

IVAN MONTEIRO

Secretário:

RUBENS M. VABO

Relações Públicas:

HENRIQUE HENROTTIN

Cobrança:

ARNALDO A. TEIXEIRA

Distribuição:

A. RIBEIRO PEIXOTO

Fotógrafo:

J. SOUZA

Redação:

Alamir Carvalho

Antonio Carlos

Atilio Cerino

Antero de Macedo

Augusto Maurício

Bricio de Abreu

Délio Marcondes

Edilberto Coutinho

Hélio Ganart

Isaac Amar

Ivo Campagnoni

J. Aboim Dias

Jota Efege

João do Rêgo Barros

J. Barros

Jorge Murad

José Maurício

Lopes Gonçalves

Miranda Netto

Saldanha Coelho

Sérgio Kautzmann

Wilson F. Ferreira

Representante em São Paulo:

Emílio Amoroso

Rua Conselheiro Ramalho, 538 Tel. 32-5774

Representante em Recife:

Jamesson G. de Araujo

Representante na Europa:

Armando Pacheco

Redação:

Praça Mauá, 7 - salas 506-507 - tel.: 43-9816

Publicidade — tel.: 43-9397

Oficina:

Editôra "Jornal das Moças" Ltda.

Cr\$ 15,00 *mais bancas*

Sumário

Seus Leitores	3
Expediente	4
Grande concurso lirico.....	6
Morineau	6-7
Diga-se a verdade	8
Um nome para um fado antigo.....	11
"Don Juan Tenório"	12
Quem se interessa em construir teatros?.....	15
"As provas de Amor"	18
Priestley, poeta do tempo e do destino.....	20
Loura ou Morena	22
Memórias do Homem da Roupa Branca.....	34
Teatro dos Acontecimentos.....	25
A criadora de "Cavallerie Rusticana".....	26
"Camus"	26
As pancadas de Molière.....	29
Cinquentenário do Municipal.....	30
Miniatura da História do Teatro.....	30
Um sucesso da Broadway.....	34
Economia e produção.....	26
"Deus lhe pague!..."	32
Porto Novo cidade dos... ..	41
O teatro na Bahia do século XIX.....	42
Ballet soviético visita o Brasil.....	43
Pelos Teatros do Rio	44-5
Falando de cães	46
Esporte e Comentário	46
"Chipre"	47
Ato Variado	48
Resenha Social	49
Política	50

MERCEDES-BENZ

As melhores condições
de financiamento na

"MIRIAM"

Minas-Rio, Automoveis e Maquinas S/A

Novos concessionários no Distrito Federal

Pronta entrega



★ ONIBUS DE 29 A 40 LUGARES

★ CAMINHÕES DE 7 A 31 TONS.

MINAS-RIO, Automóveis e máquinas S. A

DIRETORIA:

ROBERTO REPETTO, FRANCISCO ASSIS CASTRO,
CELITO Z. CALDAS

Exposição e Peças:
Av. Augusto Severo, 156-A
Praça Paris

Oficinas, Vendas e Peças:
R. Cardoso de Moraes, 235
Tel.: 30-7698 - Bonsucesso

aguardamos sua visita!

Entrega imediata (24 Horas)

Grande Concurso Lírico Cinqüentenário

Promoção da Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal.

Por iniciativa do sr. Celso Kelly, membro da Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal, foi proposto que, ao ensejo do cinqüentenário de nossa principal casa de espetáculos teatrais, se realize um concurso visando a incentivar os novos cantores líricos. O referido concurso, para o qual foram instituídos seis prêmios no valor de cinquenta mil cruzeiros, será regido pelo seguinte edital:

"A Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal torna público que promove, este ano, em cooperação com a Sociedade dos Artistas Líricos Brasileiros (SALB), o Grande Concurso Lírico Cinqüentenário, destinado a conferir seis prêmios, no valor de Cr\$ 50.000,00 cada um, a cantores líricos, entre 25 e 35 anos de idade, que nunca hajam participado de qualquer espetáculo de ópera no Teatro Municipal.

As inscrições estarão abertas no período de 1 a 15 de julho, na Secretaria da Comissão Artística e Cultural, podendo ser feita pessoalmente ou por carta registrada. O inscrito deverá apresentar: a) certidão de idade; b) declaração de residência e do registro de sua voz; c) indicação da ária, de livre escolha, que interpretará.

As provas, que serão irradiadas, terão lugar, na Sala Santa Cecília, perante a Sub-Comissão de Ópera e Concertos, entre os dias 1 a 15 de agosto, consistindo na interpretação da ária comum a todos os candidatos do mesmo registro e da ária de livre escolha. O candidato poderá levar seu pianista acompanhador e a Sub-Comissão atribuirá um grau entre zero e dez, à interpretação de cada ária, constituindo a nota o fator da classificação prévia, em cada tipo de registro.

Os que hajam alcançado as três primeiras colocações em cada tipo de registro interpretarão nova peça de livre escolha, em concerto público, no palco do Teatro Municipal, cabendo à Sub-Comissão de Ópera e Concerto escolher o premiado em cada tipo de registro. No final do concerto, a Comissão Artística e Cultural proclamará o resultado.

Os prêmios serão entregues, em cerimônia especial, pelo Sr. Prefeito do Distrito Federal.

Aos premiados, não residentes no Distrito Federal, oferecerá ainda, bolsas de estudos, para aperfeiçoamento, pelo prazo de um ano, na Escola de Canto Lírico Carmen Gomes.

Aos premiados, na medida do possível, a Comissão Artística e Cultural proporcionará participação na Temporada Nacional de Arte de 1960.

Para o efeito das condições acima, ficam instituídas as seguintes ordens de registro: 1) tenor; 2) barítono; 3) baixo; 4) soprano; 5) meio-soprano; 6) contralto.

No caso de não haver candidato classificado num determinado registro, o prêmio correspondente poderá ser concedido ao segundo classificado de outro registro.

MOR

"O TEATRO BRASILEIRO ESTÁ EM PÉ DE IGUALDADE COM QUALQUER OUTRO!"

DEPENDENDO do estado de saúde de sua genitora, a atriz Henriette Morineau provavelmente embarcará nestes próximos dias para a França, onde, conforme declarou à nossa reportagem, deverá participar de três programas na televisão parisiense, e, ao fim de um ou dois meses, estará de regresso ao nosso país. Morineau, entretanto, fez questão de acentuar:

— Será uma viagem de férias! Estou com saudade de minha terra e não quero perder a oportunidade de revê-la, agora. E quando regressar, tenho em mente a concretização de alguns projetos...

— Quais são esses projetos? — inquirimos. Morineau sorriu um sorriso enigmático. Após alguns momentos, "desabafou":

— Entre outras coisas, pretendo montar "Mãe Coragem", de Brecht ligando Montenegro, do Teatro dos 7.

Aproveitamos o ensejo e fizemos a pergunta que estava "engatilhada" desde o momento em que entramos no camarim da talentosa atriz, no Teatro Copacabana, após a apresentação de "Brasileiros em Nova York":

— Que acha do atual teatro brasileiro?

— Está em pé de igualdade com qualquer outro. Assisti espetáculos em Paris, há 3 anos, e não tenho dúvidas em afirmar que nada, absolutamente nada, ficamos a dever. Felizmente, já criamos u'a mentalidade teatral e esta é a grande vitória da arte cênica no Brasil. A única coisa que, às vezes, entristece...

Morineau não prosseguiu. Deu-nos a impressão de que ia dizer algo importante, mas, talvez com receio de ferir susceptibilidades, resolveu silenciar. Nossa insistência foi tal, que, por fim, a famosa atriz decidiu prosseguir:

— Eu ia dizer que o que mais nos entristece é a falta de grandes vocações.

— E sobre nossos atores... qual a sua opinião?

— São ótimos!

— Quais os melhores?

— São tantos... Eu poderia citar, assim de pronto, uma Tônia Carreiro, uma Cacilda Becker, uma Fernanda Montenegro...

E logo em seguida:

— Há mais mulheres do que homens de talento no teatro brasileiro!

—=—=—

Falando-nos do Teatro das Nações, em Paris, declarou:

— Trata-se de empreendimento artístico que congrega todas as nações do mundo. Ou melhor: aquelas que

UM LEMBRETE ÚTIL: — Meu caro senhor: deixe sempre com sua senhora uma pequena reserva em dinheiro para que ela possa pagar as contas de luz e gás no ato da entrega pelo cobrador. É tão fácil liquidar as contas no momento da apresentação! E economiza tanto tempo!

NEAU:

Diga - se a verdade

Escreveu LUIZ IGLÉZIAS

se "lalistam" para apresentação de suas peças nacionais. O local escolhido, em Paris, é o famoso Teatro Sarah Bernhardt. A última temporada terminou há poucas semanas. No próximo ano — e pela primeira vez —, o teatro brasileiro marcará sua presença, através da Companhia Maria Della Costa. Será, então, encenada a peça do jovem Gianfrancesco Guarnieri, "Gimba", a qual ainda não assisti, mas tenho ouvido as melhores referências.

— Mas... não acha que "Gimba" é um tema por demais regional para agradar a platéia francesa?

— Creio que este será um dos motivos de seu êxito! — Será representada em francês?

— Não. No Teatro das Nações as peças são apresentadas em seus textos originais.

— E os franceses entenderão?

— A arte só tem um idioma. E de qualquer maneira, é sempre distribuído um folheto com excelente resumo da peça. Não se preocupe, meu caro: os franceses entenderão tudo e aplaudirão calorosamente.

— A atriz Henriette Morineau foi inquirida:

— Quais são os piores do teatro brasileiro?

— Mas foi a "diplomata" Henriette Morineau quem respondeu:

— Não os conheço! Só assisto as peças que antecipadamente sei serem boas. Não tive, pois, oportunidade de ver os piores.

— Qual a atriz que mais a impressionou até hoje?

— Ludmila Pittoef. Era uma russa naturalizada francesa que trabalhava em Paris. Infelizmente, já é falecida.

— Foi uma atriz excepcional. Nunca vi cousa igual.

—:—:—

Finalmente, duas perguntas. E o repórter pede desculpas aos leitores pela "foquice" das mesmas.

— Quando de suas primeiras apresentações em nosso país, sentiu-se inibida pelo sotaque?

— Puxa, se senti! Lembro-me que estreei, com Bibi, no Pénix, com a peça "Prêsa por Amor"... e cada vez que eu tinha que falar... morria de vergonha.

— E agora, leitores, atenção para a pergunta "Mais Foca de 1959":

— Se tivesse que representar, hoje, em francês, sentia dificuldade?

— Bem... dificuldade propriamente, não. Mas que vez em quando eu iria misturar os dois idiomas...

...seus dias não tenham dúvidas.

— Aproveito para dizer que, antes de morrer, pretendo — nem que seja uma única vez — representar em minha querida França.

A PRISÃO DE VENTRE

ENVENENA O SANGUE, ANIQUILA A SAÚDE
E ENTORPECE MILHÕES DE BRASILEIROS

Talvez a moléstia mais comum no gênero humano, notadamente no Brasil, seja uma ação intestinal imperfeita. Em cada família três ou mais pessoas padecem deste mal. Há muita gente que sofre de prisão de ventre desde a infância até o fim da vida. Para se ter boa saúde é necessários intestinos limpos. VENTRE-SAN laxante ideal, deve ser o medicamento de sua escolha. Independentemente de regular os intestinos cronologicamente, evita os enjôos da gravidez, estimula a função digestiva do fígado e rins. — Nas drog. e farms. ou pela Caixa Postal 6 — Méier — Rio.

Para elogiar o teatro de comédia de hoje, tenho lido que "as companhias antigas eram árias com côros", isto é, uma primeira figura cercada de mediocridades. Não é verdade. Se possuímos, hoje, elencos elencos equilibrados onde se realiza um trabalho de equipe, também os tivemos ontem, com companhias que foram verdadeiras equipes de bons artistas. Procópio, tantas vezes acusado desse suposto crime, apresentou ao público carioca os maiores elencos da sua geração, com Elza Gomes, Regina Maura, Hortência Santos, Delorges, Cazarré, Manuel Pêra, Restier, e muitos outros elementos de valor que o público aplaudia. Leopoldo Fróis reuniu, sempre, em seu redor, os comediantes mais categorizados daquela época, como Iracema de Alencar, Belmira de Almeida, Amália Capitani, Amélia de Oliveira, Armando Rosas, Teixeira Pinto, Plácido Ferreira, Cordélia, e tantos outros... Num tempo mais distante, o Trianon, berço da nossa comédia de costumes, teve em seu palco elencos que eram autênticas equipes de celebridades com Apolônia Pinto, Abigail Maia, Artur de Oliveira, Manuel Durães, João Lino, tantos que seria impossível recordá-los todos. São de nossos dias os elencos de Dulcina, no Rival e no Regina, com a grande Conchita, Suzana Negri, Diniz, Odilon, Atila, Aurora Aboim e os elencos de Jaime Costa com Lígia Sarmento, Itala Ferreira, Heloisa Helena, indiscutivelmente bons elencos que só uma grande má vontade ou completa falta de conhecimento poderá omitir. Também não é verdade que somente com a chegada de ensaiadores europeus, após a guerra de Hitler, tenha o nosso teatro evoluído. Ensaiadores muito bons como Cristiano de Souza, Eduardo Vieira, Eduardo Vitorino, foram responsáveis por uma evolução do nosso teatro. E as grandes peças do repertório mundial sempre constaram de nossos cartazes. Jaime Costa deu Pirandello pela primeira vez ao público brasileiro. E foi também quem lançou Artur Miller em nossos palcos. As mais famosas peças estrangeiras constaram do repertório de Leopoldo Fróis. O que o teatro do mundo apresentava de bom, naquele tempo, nosso público conheceu através da interpretação de excelente artistas nacionais. Eram outras, sem dúvida, as condições de nosso teatro. Poucos palcos. Pouco público. Uma peça permanecia, em média, sete dias no cartaz. O excesso de trabalho, com noites inteiras de ensaios estafantes, não permitia, como hoje, o brilho comum das nossas premieres.

Mas, não é justo que se deixe criar no artista jovem a mentalidade de que o teatro brasileiro de ontem era péssimo, os artistas eram canastrões, e a arte dramática, no Brasil, nasceu com eles. Não é verdade. Podem os artistas de hoje acreditar que são herdeiros de um teatro digno, cheio de grandes êxitos artísticos, e podem, sobretudo, dedicar aos seus velhos colegas a maioria deles ainda viva, a melhor consideração e o maior respeito, porque souberam manter até poder entregá-lo à geração nova, um teatro nacional que foi, no passado, tão digno e brilhante como o é no presente.



TEATRO

DA

FRANÇA

especialmente
para T. L.
por ALEXANDRA



Maurice Escande conversando com a nossa reportagem.

A Comédie Française e sua missão — O Teatro de Tean Vilar, elemento de ligação com o Teatro de Vanguarda — A opinião de Maurice Escande sobre Tennessee Williams — "O teatro sórdido causa"

Maurice Escande está ensaiando nos palcos do Municipal com alguns membros do seu grupo. Uma cena de "Lucienne et le boucher" de Marcel Aymé, em cujos diálogos vivos, espirituosos e engraçadíssimos ressoam gargalhadas nascidas de lágrimas, e de dúvida, de fracasso e de sonhos demoronados. Como nos seus romances, no seu teatro Aymé é o mesmo pintor realista, implacável e impiadoso das mesquinhas humanas, o escritor que sente desprezo e compaixão para com o seu semelhante, rindo da futilidade das pretensões de cada um.

"É um teatrólogo que nos faz pensar através das suas cenas cómicas", diz Maurice Escande. "A graça das suas piadas e das suas situações é uma graça trágica. Não sabemos se devemos rir ou chorar, mas acabamos rindo".

O chefe do grupo da Comédie Française ora em excursão no Brasil é um gentilhomen do teatro no verdadeiro sentido da palavra. Para ele, o teatro não é uma profissão como outra qualquer, e sim uma espécie de sacerdocio, ou, como ele mesmo o define, "uma fonte de sonhos". Na entrevista que nos concedeu, ao falar sobre o teatro francês contemporâneo visto por um membro da mais tradicional casa de espetáculos da França, não se cansou de falar na missão do teatro.

"O teatro", disse-nos, "deve elevar o espectador. É verdade que nós, os da Comédia Française, nutridos como somos pela cerva dos grandes clássicos, temos a nossa defesa sólida contra a feitura, em todas as suas manifestações. Sabemos interpretar todos os sentimentos, mesmo os mais tenebrosos, como os experimentados por Fedra, sem nos afastar de um padrão elevado, ético ou estético. Temos o culto do belo, da pureza de sentimentos e de linguagem".

A Comédie Française, "relicário", museu de séculos de tradições teatrais e artísticas" não está, propriamente, ligada ao teatro da assim-chamada vanguarda, cujo maior expoente é

Café



um café
de classe
para
todas
as classes

RECOMENDA:

"PALÁCIO CRISTAL"
UM RESTAURANTE DE CONFIANÇA
(SOB NOVA ORIENTAÇÃO)

Av. Men de Sá, 14 (Próximo ao Largo da Lapa)

SE GUE



Annie Ducoux, numa esplêndida caracterização para "Port Royal".

Ionesco, acrescenta Maurice Escande. Há, entretanto, inúmeras companhias jovens dedicadas a aquele gênero teatral.

"Ionesco ainda está limitado a um público restrito" continua o nosso entrevistado. "O seu simbolismo é por demais abstrato para falar às multidões. O povo francês adora o teatro e tem amor profundo e curaçado pela beleza da sua língua. Por mais deficiente que possa ser o seu nível cultural, o francês possui um sexto sentido em relação ao seu idioma — sente-lhe a beleza dentro de si mesmo, sendo perfeitamente capacitado a julgar, nem que seja instintivamente, um texto. Mesmo em literatura, os autores preferidos são aqueles que

amam o idioma, sabendo conservar-lhe e aumentá-lo a beleza, como, por exemplo, Perflite".

Falando sobre aquele teatro tão francês — alegre, espontâneo e leve como o borbulhar do champanhe nas taças, o "Theatre des Boulevards", disse-nos, que brilham ali, entre outros, Flaminio e Marcel Achard, este último encaminhando-se já para um gênero um pouco mais sólido, mais sério, que diverte, e ao mesmo tempo, traz a sua mensagem filosófica. Jean Anouilh e Marcel Aymé são os maiores nomes deste gênero, sendo que este último é mais sério ainda, apesar de, aparentemente, ser o mais cômico dos dois: como Molière, Marcel Aymé tem um drama escondido atrás de cada risada.

Como autores de peça séria — dramas — dominam as figuras de Camus, Sartre e, em primeiro lugar, de Henri de Montherland.

"Montherland tem a alegria da linguagem, a ciência do teatro, dos textos e das palavras. É um autor contemporâneo, mas a sua perfeição atinge o clássico", conclui Maurice, culpando-se por alguns instantes, desaparecendo com dois minutos e um texto. Na volta, esperam-no novas perguntas.

— "As companhias teatrais particulares" querem saber o que é que nos pode dizer a respeito delas, de seus problemas.

— "Problemas, propriamente, não existem no nosso teatro, a não ser os eternos problemas de todos os teatros do mundo, em todas as épocas. Temos grande número de companhias jovens, compostas de moços fanáticos. A situação financeira delas nem sempre é brilhante, mas nós temos meios para ajudá-las. Trabalham com o entusiasmo comunitário de quem tem uma elevada missão a cumprir, e isto exclui o orgulho. A grande maioria dessas companhias, entretanto, dedica-se a renovar a técnica de apresentação e interpretação dos grandes autores já consagrados, seja contemporâneos, seja das escolas do passado. Jean Villar, embora o seu TNP seja consagrado, também se dedica, às vezes, a realizar experiências desse gênero. Observa-se, nela, na sua técnica teatral, todo o mecanismo das suas encenações, a preocupação de seu renascimento, da simplificação máxima. É um interesse comum entre nós, os da Comédie Française, e o teatro de vanguarda.

Palestrando ainda alguns minutos sobre outros assuntos, volta a falar em teatro, admirando o interesse suscitado no teatro do público brasileiro pelas vanguardas literárias e teatrais. Sorri:

— "Tennessee Williams faz muito sucesso no Rio. Ele também tem o seu público. É um bom teatrólogo, apesar do abuso que faz do erotismo e da preocupação de mostrar o bretudo, as mais sórdidas facetas da vida, erótica e sexual. Mas não é "de vanguarda", há muito tempo que deixou de ser-lo. O erotismo que hoje impera em certas escolas literárias inclusive de teatro, é u'a moda. Passará. O teatro, como já disse, é uma fonte de sonhos, e, por conseguinte, sua missão é mostrar o belo, comunicando-o ao público. Um teatro baseado no sórdido acaba cansando".

A propósito do grande número de traduções oriundas da cena, na França, o decano da Comédie Française diz-nos o seguinte ao despedir-se:

— "É, natural. Somos um povo curioso e queremos conhecer o que os outros vêm às coisas. Traduzimos muito e gostamos de fazê-lo. Trata-se de um intercâmbio ativo, pois, se peças de autores estrangeiros são levadas à cena em grande número na França, peças francesas estão sendo aplaudidas pelo mundo inteiro."

A companhia está, agora, às voltas com Marivaux. As horas de Cupido desfilam perante as poltronas despretensivas, despreocupadas, um tanto inconscientes, como as mulheres de outrora que não sentiam o mundo desmoronando-lhes debaixo dos pés. As moças da Comédie Française, nos seus elegantes trajes moderníssimos, transformam-se em damas das marquês cobertas de rendas e cheias de desengonhos, ontem foram austeras freiras jansenistas, ou mui dignas senhoras cientificamente em dia com todos os conhecimentos menos o do bom senso, enterrado debaixo de tanta sabedoria.

— "Vê?" — diz Maurice Escande aperiando-nos a boca. — "Teatro é isso: fonte de sonhos, manifestação de ilusões".

Conceição Maria:

Um nome novo para um fado antigo

De ALAMIR CARVALHO

"... As aves que aqui gorgejam,
Não gorgejam como lá".

Assim dizia o poeta, na sua "Canção do Exílio", lá do velho Portugal, lembrando a terra, o seu Maranhão, quem sabe, onde "canta o sabiá".

É possível que as aves de então não gorgeiassem lá como aqui em Vera Cruz, mas, se o bardo vivesse ainda e novo exílio lhe dessem em terras do fado, por certo não teria aquela estrofe, ouvindo a portuguesinha Conceição Maria.

De aparência tímida, realmente bonita, a lívida Conceição Maria Afonso Ventura (éste o seu nome inteiro) veio de Bragança - via Cidade do Porto, acerca de ano, sem sonhos de fama e milhões. Visita os familiares radicados em São Paulo.

Corpinho esbelto, rosto de anjo e fala carinhosa, foram-lhe convidando para uma festinha aqui, uma recepção acolá e Conceição foi ficando, tornando gosto pela terra onde tanto prestígio ganharam Dinah Thereza, a eterna Amalia, Helena Gonçalo, Maria da Conceição (sua homônima em ordem nominal inversa), Maria da Graça, Esther de Abreu, Gilda Valença, e muitas outras que trouxeram à colônia numerosa a saudade do "Jardim à Beira-mar plantado" na tristeza e nas alegrias de um fado e de uma canção.

É de tanto lhe chamarem ("cante uma coisinha para nós") em toda a parte, a mocinha virou cantora "oficial" de clubes e associações — portuguesa ou não — até que acenassem para ela com vistas à televisão e rádio.

Os parentes, de início, não viam com bons olhos os convites para a garôta "se misturar" com gente de microfone e vídeo. Mas a cachoupinha foi agradando tanto, que conseguiram tirar da cabeça dos seus íntimos a impressão negativa da vida artística e ela acabou botando o pézinho na Cidade Maranhense, onde fizeram-na logo cantar na TV Rio os seus fados-canção do tipo "Foi Deus", "Que Deus me Perdoe", etc.

Parece existir uma obsessão religiosa nas cantigas de Conceição Maria, que gosta de falar de Deus em suas trinadas. Muita gente sentiu isso, quando a moça que, em criança figurava no coral da igreja de Nossa Senhora dos Remédios de longínquos Traz-Os-Montes, cantou pela primeira vez para os ouvintes da Mayrink Veiga e da Nacional.

No Porto, vez por outra levavam-na para entoar coisas bonitas na Rádio Clube do Norte e na Rádio Porto. E não se diga que Conceição usava "influências" nas suas oportunidades, pois na cidade portuguesa houve que passar por testes rigorosos. Agora mesmo, tem contrato para gravar em discos "Columbia".

Muito feminina, confessa uma saudade terrível de seu Portugal distante, onde praticava o famoso esporte do qual sua pátria é campeã mundial: o "biqui em patins", exercício sobre o gelo. E fala de futebol com um sentimento demasiado eclético quando diz ser flamenguista "de coração" e vascaína por "tradição"... Mas, em Além Mar, torce pelo F. C. do Porto.

As vezes, diz coisas de poesia lembrando Camões com entusiasmo e num restaurante, pergunta logo: "Tem caldo verde e peixe ao côco?" a propósito, Conceição Maria é criadora de um baião curioso com título "Bêsta é Côco", de autoria de Valentim, que nos deu "Vou vender meu barco", lembram-se?

Se o repórter é inconveniente ao perguntar-lhe sobre o general Delgado ou se leu as declarações do capitão Henrique Galvão, Conceição Maria joga alguma na fervura dizendo-nos de pronto: "Não tolero política e se o fizesse, acredito que continuaria Salazarista", o que responde com a mesma naturalidade que quando lhe indagamos, se aceitaria contrato para cantar em espetáculos de revista. "Em se tratando de uma peça de categoria, pois não", são suas palavras.



Conceição Maria, que veio para agradar.

Restaurante ACROPOLIS



ALMOÇO - JANTAR

Cozinha Grega - Rumena e
Internacional

Aberto até 4 horas da manhã

Rua Barata Ribeiro, 32-B

COPACABANA

De Madrid para **TEATRO ILUSTRADO** :

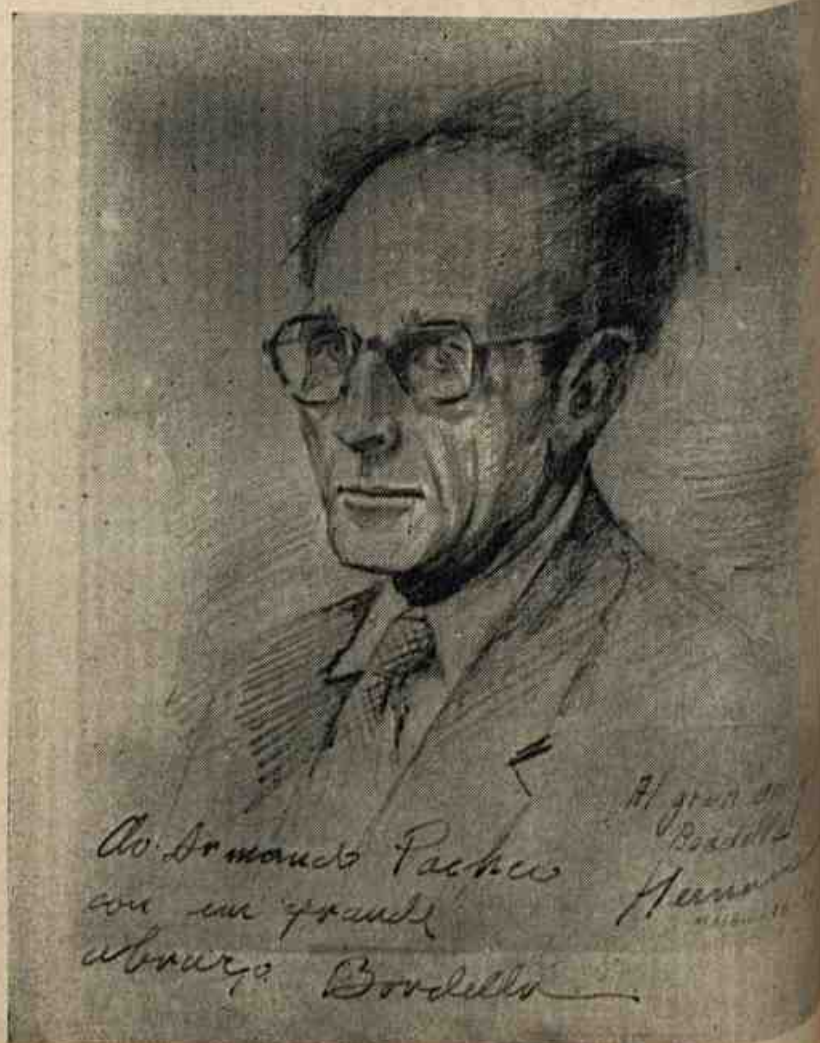
Pretende levar o célebre
"DON JUAN TENORIO"

de Zorrilla, para o Teatro Brasileiro

Escreve : **ARMANDO PACHECO**

Quem é José Boadella, escultor em madeira, poeta, ilustrador, cenógrafo, pintor, escritor, desenhista, enfim homem de sete artes e de sete instrumentos

Madrid, Junho de 1959 (Via Panair do Brasil) — Uma obra clássica do teatro espanhol, o célebre *Don Juan Tenório*, de Zorrilla, todos os anos, com enorme afluência dos turistas da América e da Europa, é levado à cena por um elenco de primeiríssima ordem na tradicional casa de diversões da Plaza de Santa Ana, em Madrid. Assistir *Don Juan* no *Teatro Espanol* constitui prazer e obrigação de visitantes da Espanha, assim como o passeio anual ao ninho de Shakespeare em Stratford On-Avon, onde são levadas as obras do poeta diante de representantes de todas as raças. Ninguém pode faltar também, portanto, ao soberbo espetáculo de *Don Juan Tenório*, (anualmente), estando em Madrid. Mas, enquanto o teatro de Shakespeare anda espalhado pelo mundo afora, essa flor do romantismo hispânico só é representada na Espanha, assunto que preocupa o grande homem de teatro Cayetano Luca de Tena, o qual está interessado, conforme nos declarou pessoalmente, numa perfeita tradução da obra-prima de Zorrilla. Acontece



Retrato do artista José Boadella, escultor, pintor, cenógrafo, poeta, ilustrador, desenhista, xilógrafo e animador de teatro.



Reprodução de estampa antiga, num cenário de Boadella.

que, também como Cayetano Luca de Tena, há outras ilustres personalidades desejosas de verem a apresentação de *Don Juan* no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Uma dessas figuras ilustres é José Boadella, homem de sete instrumentos e de sete artes, já que emprega o talento que Deus lhe deu em várias atividades, tais como escultor, em madeira, poeta, ilustrador, pintor, desenhista, tradutor, cenógrafo e escritor. Boadella conhece o Brasil como a palma da mão de artista fadado. Sente os nossos problemas e vivira com as nossas conquistas como um dos nossos. Bastante popular no Rio, onde viveu muitos anos numa boa roda de escritores e artistas, Boadella evoca com saudades — os olhos úmidos — o tempinho do Café Amarelho, do Vermelhinho e dos bares da Lapa boêmia de antes da Segunda Guerra. No Rio, morou, fez amigos, realizou exposições, publicou livros, colaborou na imprensa, mereceu consagração e ganhou dinheiro.

Tanto que, um dia quis rever a pátria e para aqui veio passar uma

temporada com parentes na Galícia. Mas nesse interim a guerra complicou a vida, complicou o mundo, complicou as coisas, e infelizmente nunca mais o artista Boadella pôde re-

gressar ao Brasil, terra dos seus sonhos.

Ainda hoje, Boadella se recorda de velhos amigos do seu grupo do café-
S E G U E

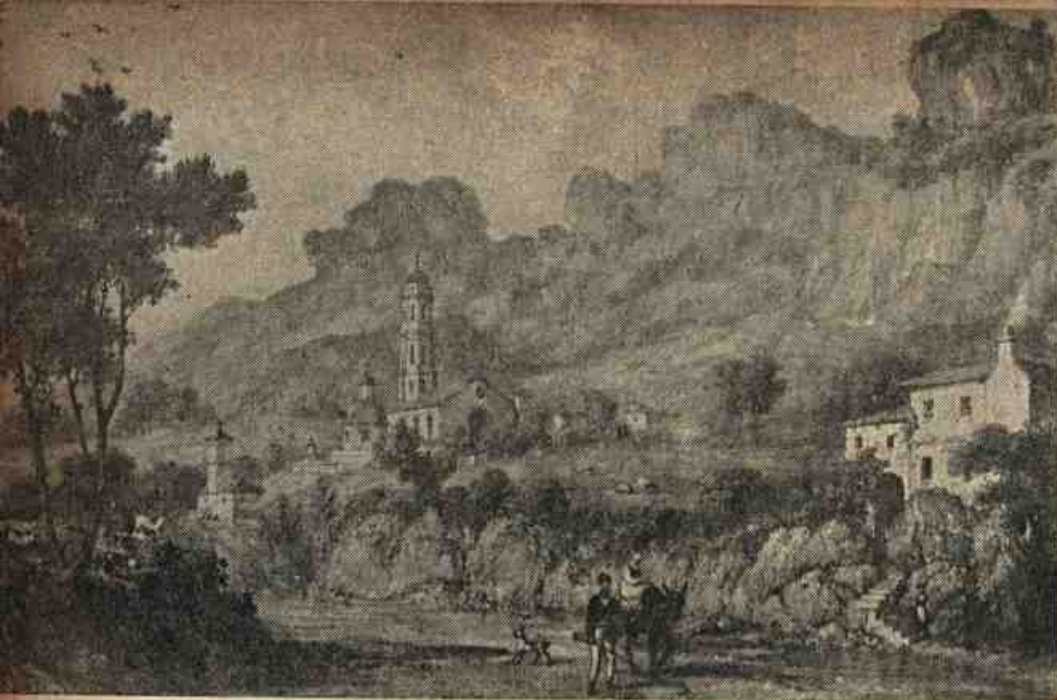
Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria

Transcorre neste mês (dia 12) o aniversário de fundação desta prestigiosa instituição luso-brasileira — o "solar feirense" da rua Haddock Lobo. Para comemorar o evento, a sua Diretoria, atualmente presidida pelo grande amigo de Portugal, Comendador Silvío Antonio da Silva, o "lidimo filho adotivo de Lourosa", programou para o dia 11 uma importante sessão solene, que terá como orador oficial o Sr. Plínio Salgado, consagrado escritor e reconhecido amigo da Pátria de Camões. Eloquentemente vai ele, pois, proporcionar aos "santamarianos" uma noite de inesquecível lembrança, pela beleza oratória que todos reconhecem no autor de "A VIDA DE JESUS". Portanto, o 6.º aniversário desta Casa, que abriga sob seu teto, portugueses e brasileiros, será, dos mais brilhantes, sendo que, além da sessão solene, que terá também a presença das mais representativas entidades luso-brasileiras, outras solenidades estão programadas ainda para este mês, cujo encerramento terá lugar no dia 1.º de agosto, quando se realizará, então, um suntuoso Baile de Gala.

VIVA SEGURO DE SI MESMO
COM A APÓLICE DA

Companhia de Seguros - Minas Brasil

CAPITAL E RESERVAS: — Cr\$ 252.310.932,80
SUCURSAL RIO — AVENIDA 13 DE MAIO, 23 — 23.º ANDAR
FONE: 22-1844 — ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "BRAMINAS"
RIO DE JANEIRO



Reprodução de estampa antiga num cenário de Boadella.

A ELEGÂNCIA
DO VESTUÁRIO
DÊSTE ESPETÁCULO
E' OBTIDA GRAÇAS AS

Gomas
Real e
Guarany



ESTES PRODUTOS SÃO
ENCONTRADOS EM

LUCILIO BRAGA
COMÉRCIO E INDÚSTRIA
LTD.

SABÃO, PERFUMES E ARTI-
GOS DE LIMPEZA EM GERAL.
ENTREGA - SE A DOMICILIO
PELOS TELS. 25-3781 e 49-1207
RUA PARAIBA, 11

zinho ou do chôpinho de tôdas as tardes: Eudes Barros, Santa Rosa, Jair, José Sanz, Villeroy França, Joaquim Ribeiro, J. G. de Araújo Jorge, D'almeida Vitor, Ruy de Castro Fernandes, Barros Vidal, Carlos da Cunha, Mendez, Garibaldi, Pongetti, Josué Montelo, Jorge Amado, Joel Silveira, Bricio de Abreu, Alvaro Moreyra, Alvaro Ladeira, José Lins do Rêgo, Amadeu Amaral Júnior, tantos outros... Alguns já se foram dêste planeta para um mundo desconhecido e isso ainda mais *umidece* os olhos de ternura de José Boadella, esse espanhol meio brasileiro pelo coração de mel de abelha.

Pois esse galego de sete artes, agora devotado ao teatro — tradutor e cenógrafo — pretende levar para o Brasil o famoso *Don Juan de Zorrilla*, como oportunidade de melhor divulgação em nossa terra, como contribuição, em tradução sua, para intensificar o intercâmbio cultural hispano-brasileiro. Precisamente na boa tradução, segundo Cayetano Luca de Tena, se resume o problema, porque familiarizado com o português

falado no Brasil e nascido na Espanha, estando em dia com assuntos brasileiros, Boadella, encontrando empresário e o merecido amparo, poderá se desincumbir plenamente dessa missão. Ele considera de primeira classe o teatro brasileiro, no que se refere a autores e atores, diretores e cenógrafos, animadores, críticos, plateias e obras, em suma — acentua — sob todos os aspectos, o teatro no Brasil *está vaia alta*. E para provar estar a par do que por aí vai, citou nomes que dariam para encher uma página, se quiséssemos fazer recenseamento em lugar de ligeiro registro de suas pretensões justas e dignas de apelo geral, de levar ao nosso país o fabuloso e sempre admirado *Don Juan Tenório* que já conquistou foros de eternidade no teatro europeu. Eis a idéia de José Boadella. Quanto mais, disse-nos, depende dos interessados no seu projeto que lerem *TEATRO ILUSTRADO*, terminando por lembrar Edmundo Muniz para quem dê a palavra do S. N. T., bem como empresários e demais animadores do teatro no Brasil.

Deposite na Caixa Econômica Federal do
Rio de Janeiro

A Maior Rêde Bancária
Metropolitana

Com 26 agências fixas e (3 agências volantes)
a serviço da população carioca

Depósitos garantidos pelo Governo Federal.

..TEATRO ILUSTRADO

Julho - 38

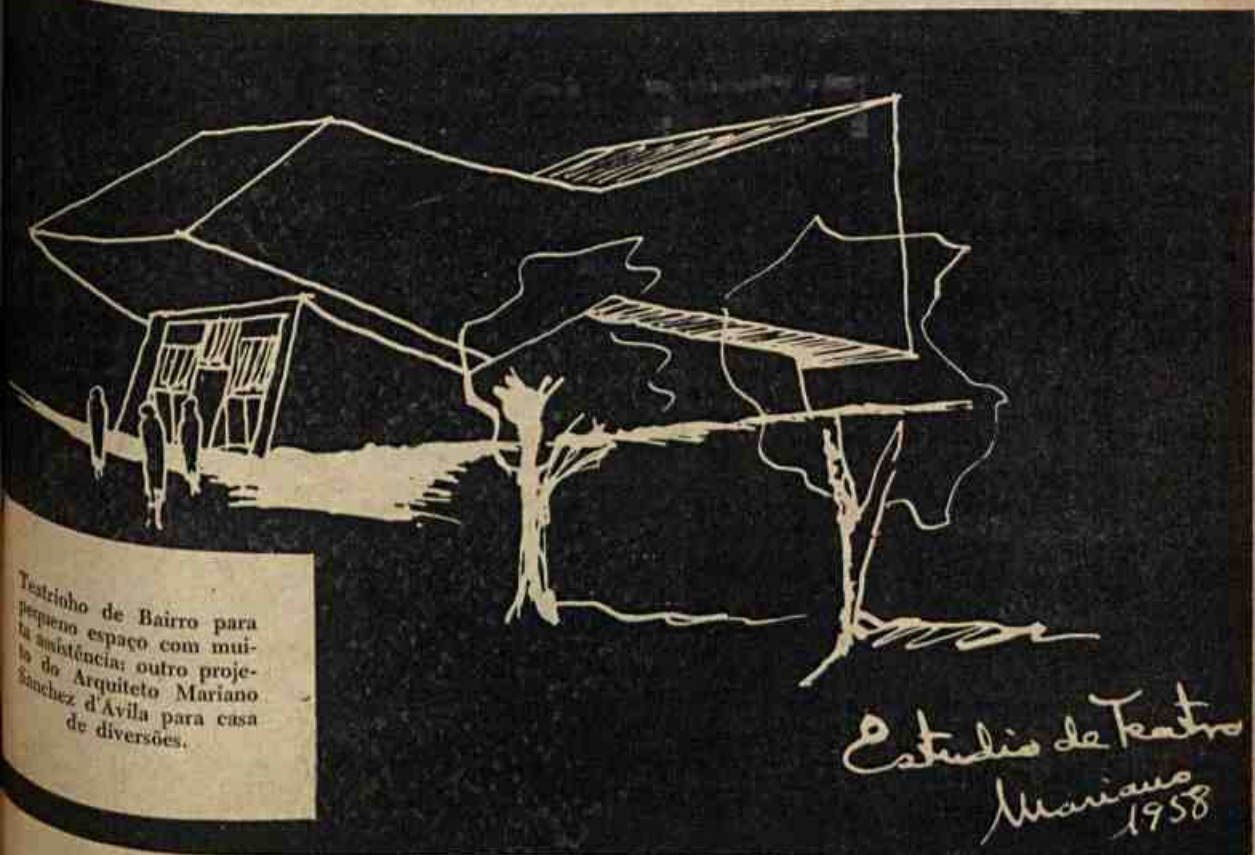
DE VIENA, PARA "TEATRO ILUSTRADO:"

Quem se Interessa em Construir Teatros ?

Arquiteto envia-nos
"dibujos" de plantas para
construção
de teatros no Brasil

por Armando Pacheco
nosso representante na Europa

SE G U E





O arquiteto Mariano Sanchez Dávila, que deseja construir teatro no Brasil, ao lado do seu automóvel de "Globetster"

VIENA, junho de 1959 — Via Panair do Brasil — Depois de muitas peripécias com o meu Citroen comendo distâncias, cortando os Pireneus, os Alpes e os Abruzzos, virando a velha Europa de ponta a ponta, chegamos a Viena numa tarde de sol quase de Copacabana. De início logo um problema: a falta de hotéis na cidade onde Strauss viu o Danúbio Azul, dipinto de blú... Infelizmente o austriaco não sabe explorar o turismo como os italianos, mestres no assunto. E começou a via crucis: lotados os poucos albergos de que dispõe a capital vienense. Um posto oficial de informações para estrangeiros deu-nos uma vaga indicação e fomos a ela, estacionando o carro na Praça do Imperador Francisco José. A família, pela incerteza, aguardava no automóvel enquanto eu ia saber se no hotelzinho indicado havia lugar para a estada de uma semana na cidade das valsas. Nada. Tudo com-

pleto. Nossa sorte foi a bandeirinha brasileira colada no vidro dianteiro do Citroen, porque as cores verde e amarela chamaram a atenção de duas simpáticas senhoras que, vendo a miniatura do nosso auri-verde pendão, exclamaram em bom espanhol: — Olha a bandeira do Brasil!!!

Dito o que, se aproximaram e gentilmente se apresentaram: chilenas de família ilustre na fraternal república andina. Cientes do nosso problema, se prontificam a ajudar e uma delas telefonou em seguida para a Embaixada do Chile, onde trabalha um filho. Este veio ao nosso encontro e depois disso, graças ao seu conhecimento de vieno, estava arranjado o hotel.

MARIANO SANCHEZ DÁVILA:

arquiteto e diplomata — Este o nome por extenso desse jovem simpático e culto que se criou e educou na Europa: Mariano Sanchez Dávila. Um avô presidente do Chile, um tio diplomata de renome universal, outro avô geral e antigo adido militar no Rio de Janeiro, outro tio presidente da Organização dos Estados Americanos, enfim a família se dividiu pelas artes, pela diplomacia, pela ciência jurídica, pela política. Ele é um grande arquiteto e já foi convidado a trabalhar com LeCorbusier. Vive na Europa por causa da carreira diplomática, mas seu maior desejo é ir integrar a equipe de Oscar Niemeyer, na sua opinião o sumo pontífice de arquitetura contemporânea. Mariano acompanha com carinho a atividade de Niemeyer e sonha ir para o Brasil colaborar lado a lado com o grande Oscar.

Também está a par de tudo que se refere a esse gênero das belas artes no nosso país e conhece de nome e de obra seus colegas brasileiros: Os irmãos Roberto, Sérgio Bernardes, Midlin, Uchôa, Nairo Esteves, Lucio Costa, Afonso Reidly e outros aces do Rio e de São Paulo são figuras de sua admiração, tal o amor que ele devota ao Brasil e que o faz acompanhar de perto, mesmo estando tão distante a moderna arquitetura brasileira. Mariano vibrou com o nosso sucesso na Exposição de Bruxelas. Ficou tão contente e feliz que até parecia ser ele o arquiteto premiada. Aqui em Viena chegaram-lhe revistas e folhetos sobre as novas etapas vencidas na construção de Brasília.

Casa SETE

Fazendas e Armário Ltda.

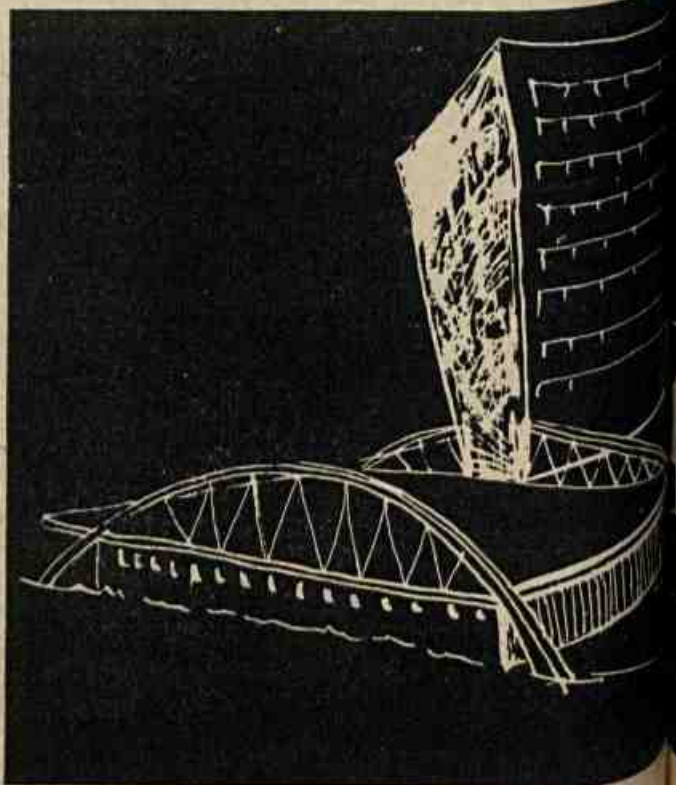


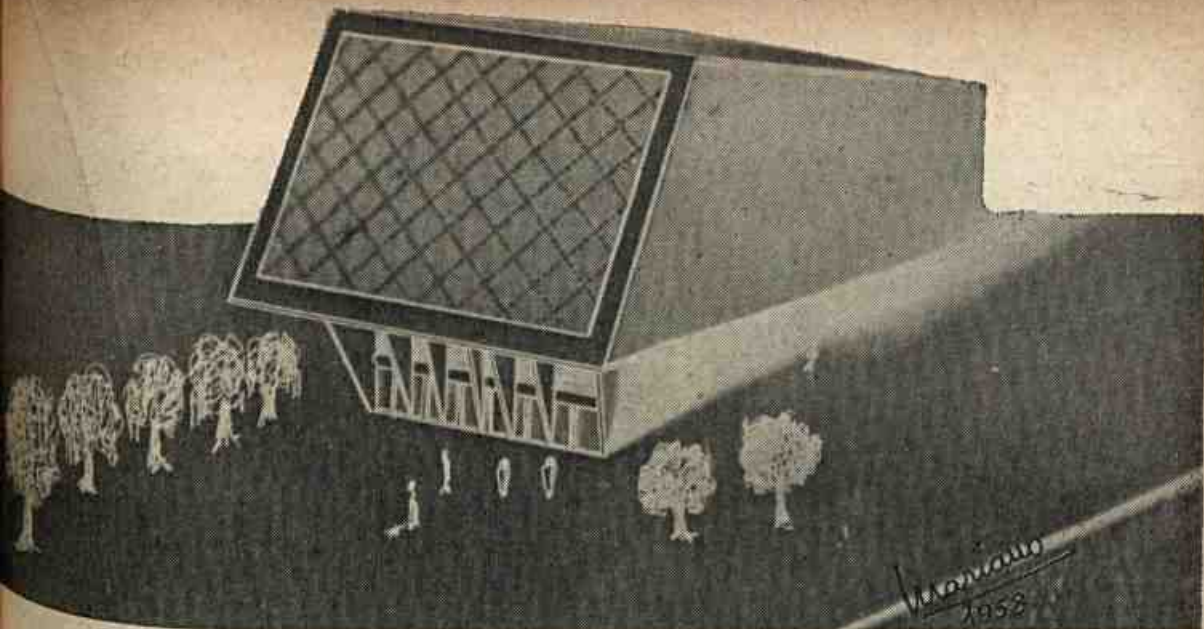
- CAMA E MESA,
- TAPEÇARIA,
- FAZENDAS,
- ARMÁRIO,
- SEDAS E NOVIDADES



7, RUA DO TEATRO, 7
Telefone 43-2223
RIO DE JANEIRO

Teatro ultra-Moderno
Num Bairro Carioca ou Paulista:





Teatro para mil espectadores: projeto de Mariano Sanches Dávila, arquiteto que está revolucionando a construção, de Modernas casa de espetáculos.

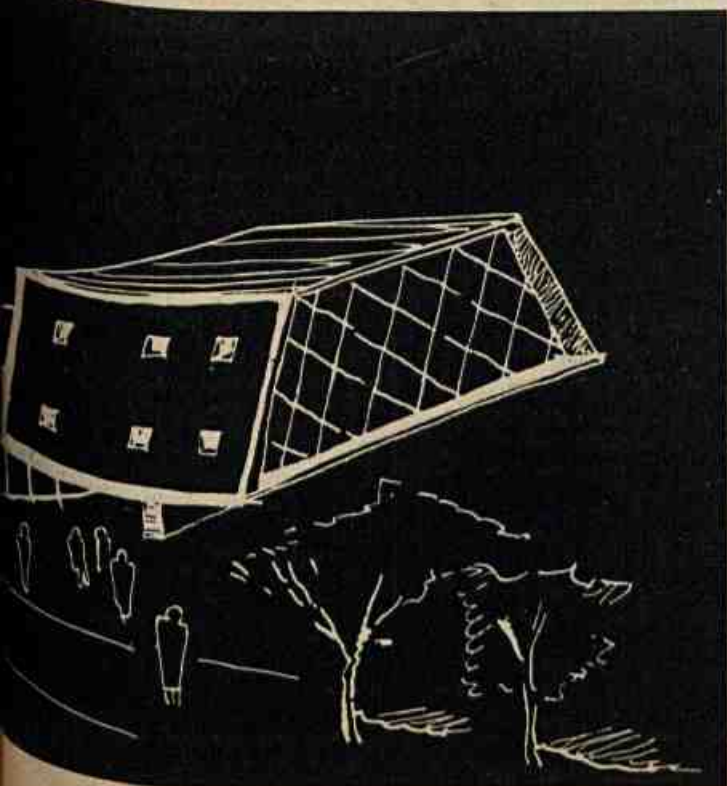
Ele acha que, sob um céu tão azul e com uma natureza fabulosa como a nossa gênios como o de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, só podem criar obras de arte arquitetônica que desafiariam os séculos. Há pouco Mariano Sanchez Dávila esteve participando de uma caravana de estudiosos a Munique, a seu ver, toda a arquitetura européia, com raras exceções, adverte, cai na lamentável monotonia e se repete sem o menor poder. E acentuou, basendo em suas observações universais: "Oscar Niemeyer es el paladin mundial de la

nueva era de la edificación contemporánea, y para mí sería un orgullo y honor si lograra trabajar con él".

Tamanha sua admiração por Oscar Niemeyer, que escreveu ao famoso mestre enviando-lhe uma coleção de trabalhos. E Mariano Sanchez Dávila aguarda a resposta de Oscar com ansiedade de calouro à espera de uma palavra amiga do renomado veterano. Uma de suas especialidades é a construção de teatros, cinemas, igrejas, casas de campo, escolas, colégios, centros de diversões e galerias de estabelecimentos comerciais modernos.

Nesse momento, acaba o talentoso diplomata-arquiteto de ser convidado por austríacos e alemães a tomar parte em concurso mundial de arquitetura a realizar-se aqui em Viena e em Berlim, o que vem demonstrar quanto é apreciado seu valor como criador de belezas que mudarão fisionomias de velhas cidades da Europa. Todavia ele sonha ir para o Brasil e espera a permuta de posto para a Embaixada do Chile no Rio de Janeiro.

SE G U E



Restaurante ALCANTARA

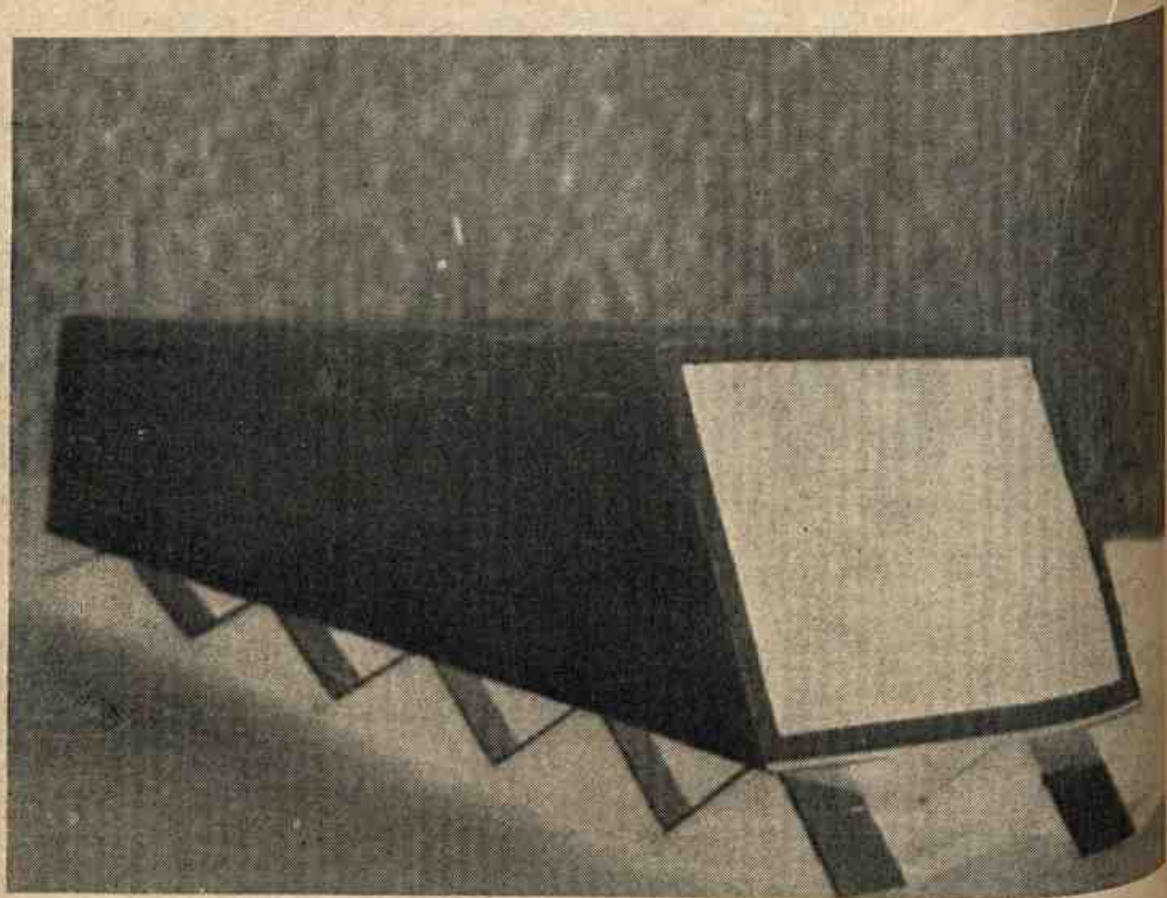


COZINHA ITALIANA

INTERNACIONAL

★
Almôço diariamente
das 11 às 14,30 hs.

★
RUA DON GERARDO, 76/80
Próximo à Praça Mauá



Teatro para povo: para resolver o problema carioca e paulista de carência de novas casas de espetáculos.

Especialmente para **TEATRO ILUSTRADO**, Mariano Sanchez Dávila cedeu-nos gentilmente uma série de **dibujos** seus para a construção de modernos teatros no Rio. Esses modelos, disse-nos o artista, contribuirão para resolver o problema carioca de carência de novas casas de espetáculos, em bairros como Copacabana, Leblon, Ipanema, Gávea, Botafogo, Flamengo, Laranjeiras, Tijuca, Méier, Madureira, Jacarépaguá, Cascadura, C. Grande, Bangu, Penha, Ramos, Olaria, bem como nas ilhas da baía de Guanabara. Aliás, os grandes clubes do Rio e de São Paulo poderão também colaborar nessa grande obra de dar mais teatros ao povo.

Aqui estão os modelos reproduzidos nestas páginas. Cada qual mais belo e mais original, linhas modernas que se adaptam perfeitamente dentro das exigências da nova revolução de arquitetura e urbanismo por que passa o Brasil e cujos reflexos estamos vendo aqui na Europa causada de guerras.

Portanto, Mariano Sanchez Dávila com a sua mensagem de poesia, que é a sua arquitetura, precisa quando antes mudar-se para a nossa terra!

NOVA MONTAGEM DE :

“As Provas de Amor”

João Bethencourt é dos melhores valores da nova geração teatral. Critico, autor e diretor, seu primeiro experimento entre nós foi na Companhia Dramática Nacional. Sua grande oportunidade parecia ser o lançamento de sua peça “As provas de Amor”, pelo TBC, em São Paulo. Acontece que a peça não chegou a “acontecer” na capital paulista. Chegaram a murmurar que teria havido sabotagem de alguns elementos do elenco e má vontade da direção do TBC, que só teria feito estrear a peça para cumprir a lei de dois terços. João Bethencourt não desanimou com o insucesso e prova disso é que está ensaiando novamente “As provas de amor”, desta vez para ser apresentada pela novíssima companhia “Os Duendes”. Os cenários e figurinos serão de Napoleão Moniz Freire e no elenco estarão: Marisa Cembranelli, João das Neves, Maria Luisa Noronha, Nildo Parente, Sérgio Belmonte, Paulo Neulasco, Margot Mello, Pedro Pimenta e outros. Todos estreantes, ou quase. Vamos tirar a prova dos nove sobre aquela onda de boatos que cercaram a estréia do TBC.

W. O. OVERLAND DO BRASIL S.A.



na lavoura



na indústria



no comércio



*nos serviços
públicos*

Jeep[®]
WILLYS

O VEÍCULO MAIS ÚTIL DO MUNDO



WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S.A.

Sómente Willys fabrica o veículo autorizado a usar as marcas Jeep[®] ou Jipe[®]

Da Itália
Para os
Paladares
Brasileiros



Seja
Bem-vindo
ao restaurante

"AL BUON
GUSTAIO"

QUE VOS OFERECE AS
MAIS VARIADAS
ESPECIALIDADES DA

Cozinha
Italiana
e
Internacional



"AL BUON GUSTAIO"
(AO BOM PALADAR)
Constante Ramos 35-A

ABERTO TODOS OS DIAS
DAS 12 HORAS À 1 DA
MADRUGADA.

TEL. 37-0419 Copacabana-P. 4

PRIESTLEY, Po

O carioca que já teve a oportunidade de conhecer a técnica magistral de J. B. Priestley em "O Tempo e os Conways" e atualmente aplaude o sucesso de "Está lá fora um Inspetor", no Teatro da Praça, na direção de Geraldo Queiroz, deverá assistir dentro em breve, na direção de Aurimiro Rocha, "Esquina Perigosa".

Sem ter a grandeza épica de T. S. Elliot, a graça dos diálogos de Terence Rattigan, a ironia ferina de B. Shaw ou a temática religiosa de Granham Greene, reúne Priestley de todos eles as qualidades que os caracterizam e mais ainda um pouco de Pirandello. Aliás, o autor nas suas obras mais importantes tem a mesma preocupação reformista de Shaw, no estilo fabiano, aspecto que se nota principalmente em "The Linden Tree" (A árvore dos Linden).

E' de estranhar a classificação de "comercial" que alguns críticos costumam dar à obra de Priestley. Não faz, geralmente, concessões ao público. Suas peças não têm "happy

ends" à moda Hollywood. Não escreve melodramas ou "vaudevilles", embora em alguns trechos o autor se revele um pouco "lacrimejante" no diálogo. Se pretendem comercial toda a peça de sucesso rápido, então sim, no bom sentido, J. B. Priestley é um autor comercial. Seria contudo menosprezar o verdadeiro público negar valor áquilo que é transformado em sucesso "comercial": "o público não se engana"...

O TEMPO E O DESTINO EM LUTA COM O IDEAL

O Tempo e o Destino são as duas constantes da obra de J. B. Priestley. Sua preocupação dominante é o destino do ser humano e a responsabilidade de cada um dentro da sociedade. O Espiritualismo do dramaturgo, evidentemente não é sectário, à maneira de Greene. Coloca-se numa posição tal, que não se pode encontrar nele tomada de posição nitida.



do Tempo e do Destino

SÉRGIO KAUTZMANN

O que caracteriza suas peças é a presença da fatalidade que sempre imobiliza as pessoas para algo semelhante aos epílogos gregos.

Veja-se o caso de "Time and the Conways". Com a anteposição da ordem cronológica dos fatos (o segundo ano vinte anos depois do terceiro), os espectadores sabem de antemão, exatamente, que todos os ideais da família Conway não se realizarão. Que o Destino de cada um está traçado e somente Kay, pelo sonho ou pela intuição, anteviu o futuro. O sentido da tragédia é total quando Kay, cheia de angústia pede a seu irmão Alvin que lhe diga algo capaz de torná-la conformada com o Destino.

O mesmo acontece em "I have been here before". Ai o determinismo impera absoluto: a vida é uma contínua repetição. Volvemos a viver no futuro a mesma vida. Aliás a vida, para Priestley, encerra-se na luta constante do Tempo com o Destino, mesmo se fossem eles as personagens principais de suas peças.

O REFORMISMO SOCIAL DE PRIESTLEY

Isso não significa irresponsabilidade do Homem em face dos acontecimentos. Se a conduta humana é o produto do meio ambiente, somos nós todos responsáveis na parcela da sociedade à qual pertencemos e na qual atuamos.

Exemplo perfeito da tese: "An Inspector calls" uma das obras máximas de Priestley. Foi felicíssimo o Diretor Geraldo Queiroz, na apresentação da peça no Teatro da Praça. Ao contrário das encenações convencionais da Europa, aqui no Rio, o cenário, a dicção e o ritmo dão um aspecto quase surreal. De fato, o Inspetor Goole nada mais deve ser o que a consciência de cada um que vem mostrar que não somos ilha na sociedade, que nossos mínimos atos têm reflexos nas vidas de outros seres e trazem, às vezes, consequências irremediáveis.

O convencional aparece novamente em "Laburnum Grove", desconhecida do público brasileiro. Essa aparente comédia fútil possui grande importância. Radferu, o falsário que todos julgam chefe de família exemplar e pacato homem de negócios, mostra à sociedade que as aparências enganam. E quando revela com minúcias suas falcatruas, ninguém acredita, apesar das provas.

A TÉCNICA AUXILIA A POESIA DOS DRAMAS

Extraordinária, em confronto com outros dramaturgos modernos é a técnica de Priestley. Em matéria de "carpintaria" teatral, talvez só o sobrepuxe Jean-Paul Sartre. Obedece a esquemas, traça o rumo dos acontecimentos, e resume tudo, geralmente, em um mesmo cenário em pequenas diferenças de tempo. Isto, porém não seria grande vantagem. O magistral na maioria das obras, é que o espectador por artifícios técnicos do autor, já saiba no primeiro ou segundo atos, o desfecho da história, como é o caso de "O Tempo e os Conways" e todavia, como consegue prender a atenção. Não se trata de saber "o que" vai acontecer e sim, "como" vai acontecer o inevitável.

A viga mestra da carpintaria de Priestley, como já nos referimos é o Tempo. Desfaz muitas ilusões. Reduz muitos ideais a desilusões, que formam o sentido trágico da dramaturgia priestleyana.

Em "Eden End" (que poderíamos traduzir como Estação Eden), Stella,

a atriz ambiciosa que saíra do lugarejo de Eden, há oito anos, contra a vontade dos pais e contra o interesse dos irmãos, volta desiludida, na arte e no amor, como um filho prodigo, mas volta, porque o Tempo não pára. Em "Cornelius", uma tragédia do pequeno comerciante falido. Robert Murrison, e seu sócio Cornelius, tragados pela avalanche de credores. O primeiro abandona a vida pelo suicídio e o segundo, a luta pela sonhada viagem aos Andes (símbolo da fuga). Mas é justamente o sonho bom dos Andes, que o salva de matar-se também, quando no desespero de tudo, resolve ler um trecho de um livro de viagens:

"Depois de uma semana num vilarejo indio, decidimos tomar a senda até as nuvens para encontrar a cidade perdida dos Incas".

Quanto à técnica, "Dangerous Corner" é na opinião de muitos a mais perfeita obra de Priestley. Se todavia este drama surge como a mais bem acabada, em nossa opinião, "The Linden Tree" (A árvore dos Linden) é onde se revela mais o Poeta. Nessa peça de após-guerra (1947), onde os impactos da mesma ainda se fazem presente de maneira cruel, também se faz presente o tema mais caro ao dramaturgo: O Tempo e o Destino que voltam, novamente. Contudo incomparavelmente mais poéticos do que nas obras anteriores. Sente-se aí o Tempo jogando com a família Linden, que voltara toda ela para uma reunião familiar. O Prof. Linden, velho catedrático da Universidade; seu filho Rex, que a guerra tornou descrente de tudo; Marion, casada com um nobre francês e católica; Jean, médica e comunista e Dinah, estudante de música a mais meiga e infantil das filhas. Do entrelaço destas personalidades criou Priestley o que ele chama de comédia. Contudo que tragédia, a do velho professor de História que não quer aposentar-se! E todos, de alguma forma estão contra ele, inclusive sua própria família. Como sempre, eis a luta do Ideal contra o Tempo.

Quando se chega aos sessenta e cinco anos, é preciso sonhar como as crianças, porque diz o Prof. Linden: "... Talvez sempre foi assim, e os jovens e os velhos foram sempre o melhor. Mais próximos da porta de entrada e de saída e com mais espírito para gastar. O mundo pesa demais sobre os do meio, que têm bastante para fazer, buscando algum adiantamento ou um lugar na Diretoria..."



Cláudio Corrêa e Castro, Miriam Persier em "Está lá fora um inspetor", de Priestley.

Fazendo um balanço dos palcos brasileiros nos últimos vinte anos, tomando por base o gênero revista, **TEATRO ILUSTRADO** selecionou 40 vedetes, isto é, atrizes que ocupam o primeiro plano na representação de um espetáculo musicado, chegando à conclusão que neste total, apenas 10 são (ou eram, pois algumas já se aposentaram) louras, levando-se em consideração o fato de algumas serem falsas louras (oxigenadas).

Desde a época áurea de Lódia Silva (mais tarde sra. Jardel Jércolis), passando em revista as temporadas de Marion Fontes, Mary Lopes, Mara Rúbia, Irene Bertal, e mais recentemente, Esther Tarcitano, Neide Landi, Elizabeth Gasper, Norma Benguel e Conchita Mascarenhas, a proporção sempre foi de 3 para 1, muito embora opiniões abalizadas sejam unânimes em afirmar que a mulher loura, desfilando na passarela sob luzes multicoloridas e garbosamente coberta de lantejoulas, impressiona melhor o público. Entretanto, apesar de todos esses fatores virem conspirar contra a flagrante superioridade da morena (seja na cor da pele ou na cor dos cabelos), as maiores vedetes da revista musicada em todos os tempos — segundo os catadráticos no assunto, as famosas Mistinguette e Josephine Baker — não formavam no grupamento das louras, demonstrando que, igualmente fora de nossos limites, a situação é a mesma. Contra todos os prognósticos, a vedete morena ainda está por cima.

Se existiu Mara Rúbia, excelente estrela, logo após apareceram Virgínia Lane, Renata Fronzi e mais tarde Consuelo Leandro, para contrabalançar. Sempre foi assim: para cada loura, apareceu três morenas em iguais condições.

LOURA

OU

MORENA?

As louras estão perdendo de 3 x 1 — "Ser loura custa muito dinheiro", diz o maquiador **ERIK** — Todos concordam que a loura "brilha" mais no palco — A questão da sinceridade.

de **JOSÉ MAURÍCIO**

A respeito do tema **LOURA OU MORENA?**, **TEATRO ILUSTRADO** colheu as opiniões de um empresário teatral, de uma vedete, de um revisógrafo e de um maquiador, inequivocamente quatro peças indispensáveis ao sucesso de uma revista musicada, que se manifestaram sobre a acentuada vantagem numérica levada pelas morenas.

Chianca de Garcia, veterano empresário e produtor de "shows", atualmente servindo à Televisão, acha esta superioridade numérica das vedetes morenas pura casualidade. Segundo suas próprias palavras, "a loura impressiona melhor. As famosas Mistinguette e Josephine Baker seriam exceção da regra".

"No Brasil — prossiguo Chianca — o sex-appeal das morenas parece ser

mais contagioso e a prova aí está: o número de louras é mínimo".

Sobre a preferência do público, Chianca assim se manifestou:

"— O público não prefere uma, nem outra. Aquela que tenha um sorriso bem agradável, seja muito atraente e que se revele em cena uma verdadeira vedete é a sua preferida".

A opinião de Joana D'Arc, atriz militante em teatro-revista há quarenta e sete anos e pertencendo ao time das vedetes morenas, é completamente diversa:

"— Se a vedete é morena ou loura não interessa. O que importa são as curvas. Aláís, as mulheres que usam o cabelo na cor natural são mais sinceras. Segundo o dito popular, têm mais confiança em si mesma".



Excelente serviço de restaurante "A LA CARTE" no atraente salão de jantar.



VISTA PANORÂMICA DA PRAIA, JANTAR DANÇANTE TODAS AS NOITES



Av. ATLÂNTICA, 3.668
• RESERVAS TEL: 27.0160





Eric Rzepecki (aqui maquiando Norma Benguel) declara: "Ser loura é uma vaidade cara"

Perguntada sobre a possibilidade da loura impressionar mais na passarela, Joana respondeu:

"— Se as louras impressionassem mais, todas pintariam os cabelos. O fato de existirem somente dez louras entre quarenta vedetes — conforme você mesmo atesta — prova que a cor do cabelo não influencia em nada. Inclusive, posso dar-lhe mais um exemplo para consolidar minhas afirmações: Beatriz Costa, a melhor vedete que eu já tive oportunidade de conhecer, é morena.

O conhecido revistógrafo Mário Meira Guimarães, completando este mês seis anos de ininterruptas atividades como autor teatral, acha que a predominância das morenas sobre as louras originou-se da raça, porém em cena ele é de opinião que "a loura é muito mais decorativa, isto é, chama mais a atenção do público".

Meira Guimarães situa Virginia Lane como sendo a maior vedete que já viu. A respeito do autor que escreve visando determinado tipo de vedete, Mário Meira declara:

"— O tipo de vedete, seja ela loura ou morena, não exerce influência no trabalho do autor, a não ser que ele escreva especificamente visando um certo personagem".

"As morenas são mais sensuais, embora eu — após uma experiência durante quatorze anos, lidando com os mais diferentes tipos de mulheres — acho que as louras sejam mais atraentes e transpirem, mais limpeza de sentimentos", esta a opinião do maquiador polono-brasileiro Eric Rzepecki, referindo-se à predominância da vedete morena sobre a loura.

No que concerne à sua preferência Eric declara:

"— Tanto no Brasil, como na Europa, a vedete loura leva nitida vantagem sobre a morena. Esta só chamará a atenção do público se possuir cabelos compridos e bonitos, além de ser obrigada a revelar recursos artísticos indispensáveis numa grande atriz".

Perguntamos ao consagrado maquiador, se a vantagem numérica das vedetes morenas em nosso país devia-se apenas ao fator sensualismo, tendo Eric respondido de maneira curiosa:

"— Para ser franco, vou lhe dizer o seguinte: uma das razões da predominância das morenas sobre as louras, aqui no Brasil, é o alto custo da pintura de cabelos. Para manter a cabeleira permanente loura, a vedete tem que gastar muito dinheiro semanalmente, e são poucas aquelas

que podem fazê-lo ou se propõem a isso.

Ser loura é uma vaidade cara".

Mara Rubia é uma loura, tradicional em nossos palcos.



"Meio século de vida passado num mundo à parte, como é o mundo do teatro, entre bastidores e tangões e aventuras cheias de paixão, verdadeiras e fictícias, deve oferecer margem a despertar interesse entre a gente que pertence ao mundo real".

O texto acima é uma das imagens usadas por Rêgo Barros para introduzir os leitores do seu livro que ainda não foi dado à divulgação, de modo que aqueles consigam penetrar no interno dos personagens que somados ultrapassam da meia centena.

Desta vez, reproduzimos um episódio curiosíssimo ocorrido no Pará, quando o autor, no início da sua carreira teatral, voltava à Belém, integrando a Companhia Teatral de Alfredo de Miranda, que nos primeiros anos do presente século, realizou uma vitoriosa tournée ao norte do país.

Compunha-se a Companhia de uma verdadeira constelação de astros, facto que obrigava ao empresário fazer verdadeiros prodígios de habilidade para manter tantas estrelas em razoável harmonia.

Representa-se na ocasião do incidente a famosa opereta de Franz Lehar, "A Viúva Alegre", muito em voga na época.

DUAS VIÚVAS ALEGRES

Nós demos a palavra a Rêgo Barros.

"Carmen Osório, uma atriz bonita e com fio de voz muito agradável e, como era natural, tinha grande desejo de fazer o papel de Ana de Glavari, a protagonista da celeberrima opereta, mas na distribuição, esse papel coube a Amélia Zopicolo, que era a estrela número um do conjunto, sendo o papel de Valentina, o segundo da peça, distribuído a Irene Esquiros. Carmen Osório ficou de fora, mas nem por isto deixou de acompanhar os ensaios da peça com assiduidade.

Uma noite, no Pará, Juca de Carvalho, que era o empresário contratante da Companhia, recebeu um aviso de que Amélia Zopicolo adoecera subitamente e não poderia trabalhar nessa noite. Não querendo cortar a carreira da peça, determinou Juca de Carvalho que Carmen Osório substituisse, nessa noite, sua colega enferma. Carmen que não deseja outra coisa, tratou imediatamente de vir para o teatro para fazer uma passagem na partitura com o maestro Luiz Moreira que a achou em ótimas condições.

Duas Viúvas Alegres Prontas para Representar

Por JOÃO DO REGO BARROS JR.



Foto da insigne atriz Amélia Zopicolo, uma das criadoras no Brasil da famosa opereta "Viúva Alegre", de Franz Lehar, muito em moda no princípio do século. A foto, como se pode ler na oferecida, foi tirada há mais de cinquenta anos.

Zopicolo, porém, apesar de muito doente, com febre alta, não concordou com a resolução tomada pelo empresário e, à noite, sem avisar a ninguém, veio sorrateiramente para o teatro e fechou-se no seu camarim, evitando ser vista.

Na hora de começar o espetáculo, dado o terceiro sinal, duas viúvas alegres apareceram nos bastidores,

cada qual de um lado: Carmen Osório, vestindo riquíssima toilette e Zopicolo ostentando a sua que causou assombro desde a primeira representação.

Se tivesse caído uma bomba no ordimento do teatro não teria produzido maior sensação. O desaparelhamento de Carmen Osório foi colossal".

Teatro dos Acontecimentos

Por JOÃO DO REGO BARROS

Tratamos em **TEATRO ILUSTRADO** como é lógico, da vida de teatro. Acreditamos, porém, não ser de mais que, de quando em quando, nos ocupemos do teatro da vida, uma vez que a vida representa manancial inesgotável de motivação.

Ouvindo episódios de terceiros, ou ainda, indiscretamente, palestras alheias, como que lhe vivemos os dramas, os quais, pela sua natureza íntima jamais vão parar nas frias colunas das gazetas.

Através o tempo, tais episódios permanecem indelévels em nossa memória sem que consigamos por vezes identificar os seus atores ou a época em que ocorreram, embora eles nos pareçam incomuns e trágicos.

Ademais, os personagens do teatro da vida mudam incessantemente de papéis e de palco. Assim não fôsse e a existência talvez nos parecesse monótona. Veja-se, por exemplo, que ocorre hoje, e sempre ocorrerá na nossa cena política...

... **VOCE VAI, VOCE VAI**
PARA ONDE EU VOU...

O baixinho balançava como uma maromba um antigo centrifugador de não muito usado por dentistas e protéticos, moldando um aparelho dentário — que deveria entregar na manhã do dia imediato a um marítimo que seguia viagem, à tarde.

Na véspera, quando o seu corpulento cliente ali estivera, não estava tão sorridente como agora. Senão que até mingnara ainda mais ante as indignadas ameaças do marujo que lhe prometia no mínimo uma boa tarde.

Completando o trabalho que luzia como ouro, quando era por ele polido, recordava com um brilho malvolo nos olhos pequenos, os máus momentos que passara no dia anterior, diante do seu hercúleo antagonista, o qual esperava ter completo o sorriso desfalecido para espalhá-lo pelo mundo afora.

Aproximava-se a noite quando chegou à mo-

desta clinica dentária o companheiro de consultório, que deveria substituí-lo. Dirigiu-se ao comutador da luz, acionando-o sem resultado. Olhou para cima e não viu a lâmpada que se encontrava depositada numa das conchas da pia destinadas ao sabao. Do teto pendiam duas inúteis pernas de fio, sem o seu clássico bocal dourado.

Conhecendo o episódio da vespera e sabedor das aperturas econômicas do colega, o recém-chegado voltou-se para ele e disse:

— Você não teve coragem!

Este, sempre a sorrir, fez um assentimento de cabeça, e o outro retrucou:

— Mas não é possível!

O baixinho deu de ombros e continuou o traçar:

... Você vai, você vai
para onde eu vou...

A. M., desde que se deu por gente, sempre trabalhou. Era quase uma menina quando se empregou como "vendedor" e, nesse caráter, insubordinara-se com as condições nas quais trabalhavam as balconistas das lojas elegantes da cidade. Liderando um movimento de reivindicações, este acabou vencendo. Por culpa disso as companheiras passaram a designá-la como a sua Joana D'Arc.

A roda da vida acabou por conduzi-la a um palco. Adaptando-se às novas funções, viajou, isto é, mambembou. Mambembando, interpretou desde ingênuas até caricatas. Depois, afastou-se para vida mais calma. Há pouco, porém, voltou-lhe a nostalgia da cena.

Procurou, até agora inutilmente uma nova oportunidade entre os seus antigos camaradas do palco e do rádio. Apesar da sua experiência ainda não lhe deram a mão. Todavia, acreditamos que A. M. não desistirá facilmente. Anima-a o mesmo alento dos primeiros estágios da vida, quando lutou e venceu o fantasma da incompreensão e da rotina. Joana D'Arc não será novamente "queimada"...

Boite NAZARÉ



Música em
HI-FI

Aberto das 18 às 2
da madrugada.

Avenida Oswaldo
Cruz, 61-B
CURVA DA AMENDOIRA.

Specialidades
PATO NO TUCUPI
(sáb. e domingos)
SIRI RECHEADO
(diariamente)
e Cozinha
Internacional

A criadora de "Cavalleria Rusticana" na



Gemma Bellincioni em Salomé, no Rio, em 1910.

O Municipal, que este ano festeja os seus cinquenta anos, foi inaugurado com um espetáculo muito original e ao gosto da época. Ao lado de discursos, diálogos dramáticos e trechos sinfônicos, foram cantadas duas óperas: "Moema" de Delgado de Carvalho e "Condor" de Carlos Gomes, com artistas nacionais e regentes nacionais. Mas não é disso que queremos falar e sim da primeira temporada lírica oficial, trazida por Walter Mocchi. Secretário era o saudoso Gianni Pellas, que morreu este ano, sem ter tido a alegria de ver as comemorações do meio centenário, ele dera ao Municipal toda sua vida. No seu em seu lugar de honra, Gianni Pellas, pode dizer-se representado à sua mesa no teatro, de onde só saiu para o túmulo.

O Rio já conhecia, de sobra, espetáculos líricos. Viu de antes da Independência. Houve até, em 1827, famosa primeira impressão, distribuída no Imperial Teatro de São Paulo de Alcântara; dois admiradores de Maria Tereza Faciotti e de Francesca Barbieri, divas que, na época, deveriam representar para os cariocas a Callas e a Tebaldi, trocavam os maiores esforços, que continuaram depois nas páginas da "Gazeta".

A novidade estava no teatro, novo em folha, inaugurado em 1909 com grande pompa. A temporada de 1910, a primeira alegre de ante-guerra, fim da "belle époque", eram internacionais, era esperada com ansiedade pelo público carioca; o café em ascensão garantia certa estabilidade econômica para o grupo que desfrutava os prazeres da capital brasileira. As casacas eram coloridas, novidade que, introduzida em 1909, durou pouco. Em 1910 muita gente boa, inclusive o querido presidente da A. B. L., Herbert Moses, então advogado quase adolescente, preparava as casacas e os claque (casacas de fechar, então usadas) para a estreia no dia 20 de julho. A A. B. L. Moses era cinzenta mas houve um diplomata francês que recebeu de casaca verde.

A temporada se inauguraria com a "Aida" de Verdi, ópera espetacular, que garantia o sucesso de qualquer companhia. Mocchi trouxera um elenco de cantores muito desigual, ao lado de grandes artistas os havia medíocres. Os regentes não eram grande coisa: Giuseppe Baroni, muito gesticulante meridional e Aturo Padovani, mais discreto. Mas o que Mocchi trazia, hoje daríamos tudo para ver. Nem público nem crítica compreenderam a heroína da "Cavalleria Rusticana". Gemma Bellincioni, a mulher que revolucionou a arte lírica em seu tempo.

Ao lado de Gemma Bellincioni, estavam Cecilia Gagliardi, romana magnífica, grande intérprete de Aida e o grande barítono Carlo Galeffi que foi o melhor "Rigoletto" do primeiro quartel deste século. O resto era medíocre, apesar do êxito.

GALLETO AL PRIMO CANTO

RUA SOUZA LIMA, 48-A — TEL. 47-6161 — COPACABANA — POSTO 6 — AR CONDICIONADO

Inauguração das temporadas líricas do Municipal

Por MIRANDA NETTO

seguido pelo tenor Florencio Constantino que tornou-se logo o coqueluche do público.

Quem era Gemma Bellincioni? Nada mais nada menos que a criadora do papel de Santuzza na "Cavalleria Rusticana", ópera que transformou o teatro lírico italiano, inaugurando a era do verismo.

O século XX não começou, para a ópera, na madrugada de 1.º de Janeiro de 1901. Quase nunca as folhinhas andam cortendo certo com os acontecimentos e poderemos dizer que se, politicamente, o século XX começou depois da primeira grande guerra, operisticamente ele nasceu no dia 17 de Maio de 1890, no teatro Costanzi de Roma.

Nesse dia uma cantora cheia de fogo e paixão traria para a ribalta as angústias e o desespero de Santuzza, ousando fazer o que nem o maestro Mugnoni, diretor da orquestra, nem o próprio Mascagni, compositor da ópera, teriam tido a coragem de sugerir-lhe.

A "Cavalleria Rusticana", como muito bem diz Eugênio Gara, "foi uma revolução que durou cinquenta minutos, tendo como porta-bandeira a bela milanesa que se chamou Gemma Bellincioni". Uma revolução de menos de uma hora, que mudou o público e a crítica e abriu as portas para toda a música de Puccini, de Leoncavallo e dos veristas subsequentes.

Gemma Bellincioni, desde adolescente, sonhava com a renovação da ópera.

Levada pelo pai a assistir a "Aida", quando tinha quinze anos, no teatro San Carlo de Nápoles, quase provoca um pro-

testo da platéia com suas observações. Diante dela estava um "Radamés" redondo como um barril, envolto em panos multicores, que cantava abrindo os braços, balauçando-se como um urso amestrado". E Aida? Essa ainda era pior. "Uma espanhola, já madurona, cuja carreira se devia a um dō formidável como a trombeta do Juizo Final, duas vezes mais gorda que o seu doce Radames. Os poéticos amantes cantavam, ela olhando para os camarotes e poltronas, éle preso na batuta do maestro". Os trechos entre aspas são do diário de Gemma Bellincioni.

Foi este o germe da revolta que se apossou da adolescente. Tornou-se uma famosa "Violetta", mas a sua interpretação da "Cavalleria" foi a mais vibrante. Uma semana depois, ainda ela sentia dores pelo corpo, do verdadeiro "catch-as-catchcan" que tivera com Turiddu, aliás seu marido o famoso tenor Roberto Stagno, que não era o talhado para o papel. Somente mais tarde, com Caruso, Gemma Bellincioni acharia o parceiro ideal.

Foi essa a artista que fez parte da primeira temporada oficial do nosso maior teatro. Cantou a "Traviata" e a "Salomé", de Straus, uma novidade para a época. O que form essa "Traviata" e essa "Salomé", não poderemos saber pela crítica da época. Os críticos escreviam coisas tais que hoje dificilmente o acreditariamos. Mas isso ficará para outro artigo, em que Teatro Ilustrado mostrará as opiniões da crítica de 1910, sobre a primeira temporada. Vale a pena ler o que se escrevia então. É uma boa lição de humildade para os que gostam de destruir as coisas através de uma primeira e falsa impressão.

Caruso e Bellincioni
na
Cavalleria Rusticana.



CAMUS =

PRÊMIO NOBEL DE
LITERATURA
FALA DE TEATRO

(Por ARMANDO PACHECO, representante de T. I. no Europa)

Paris, Junho de 1959 (Via Panair do Brasil)

— Três nomes famosos nas letras francesas exercem fascínio e dominam Paris, o que em última análise significa domínio universal: Jean Cocteau, André Malraux e Albert Camus. O primeiro continua pontificado, sobretudo, como *Papa* das artes e das letras, e o pintor ou autor a respeito do qual opinar favoravelmente (é evidente) pode-se considerar um vitorioso em todos os sentidos. O segundo, mais ainda pela sua projeção política, dispõe de força ponderável para decidir o futuro de escritores e artistas com ambições outras fora do campo de criação restritamente de ordem estética... O terceiro é Albert Camus, que já vinha sendo sucesso de livraria mesmo antes de conquistar o invejado e invejável Prêmio Nobel, cujas obras vão se esgotando em edições sucessivas. E agora, coroando sua grande lãurea, Camus, autor quarentão, nascido na África Francesa, acaba de ser indicado por André Malraux para dirigir o Teatro de Ensaio de Paris, nomeação referendada pela opinião pública, o que aumenta seu merecido cartaz, porque, como costumam sentenciar os ingleses, *the right man the right place...* Mas antes de se investir no novo cargo, o discutido ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 1958, fez as seguintes declarações sobre teatro, que reproduzimos em homenagem aos leitores desta Revista especializada, cujo exemplar número 9 lhe foi oferecido:

— No teatro, atores, autores, diretores, todos estão entrelaçados entre si; não obstante, cada um é livre à sua maneira ou quase livre. Não é isto uma bela imagem da sociedade futura?

— A mim me satisfaz plenamente que, no tea-

tro, a obra se complete com acessórios como jogo de luz e decoração. Não sei quem disse que "para conhecer bem o teatro é preciso conhecer os mistérios da cenografia". É uma grande regra de arte. Gosto dêsse ofício que me obriga a considerar ao mesmo tempo a psicologia dos personagens e todos os truques da ribalta.

— Geralmente se afirma que o teatro é o lugar ideal da ilusão, mas não acreditem nisso, porque quem vive de ilusões é a sociedade. Seguramente encontraremos menos farçantes na cena que numa cidade.

— Os que amam os mistérios do coração e a verdade neles encerrada, devem buscar o teatro, que é onde sua curiosidade insaciável se arrisca no mínimo a ser saciada em parte. Podem crer, para viver na verdade e da verdade, nada como interpretar a comédia.

— A partir do momento em que o autor, sem deixar de ser ambicioso em seu tema, chega a falar a todos com simplicidade, serve a uma verdadeira tradição da arte e se une ao público diretamente.

— Eu creio num espetáculo total, concebido, inspirado, dirigido por um mesmo espírito posto em cena por um mesmo homem, o qual permite obter a unidade de tempo, de ritmo e de estilo que constitui, para mim o triunfo essencial de um espetáculo.

— Receber e dar, não é, ao fim e ao cabo, a felicidade da vida inocente? Pois bem, é a mesma vida, forte, livre, que necessitamos todos nós. Vamos, pois, pensar no próximo espetáculo...

TÍTULOS DE CLUBES

G. BARROCA e W. HORNE

(ESPECIALISTAS)

Negociam quaisquer títulos do Rio e São Paulo

NORIO:

Rua do Carmo, 27, sala 604
Tels. 52-6211 — 32-0127

EM SÃO PAULO:

Rua Boa Vista, 208, sala 101
Tels. 37-6743 — 33-7477



aguardando as pancadas de Molière

DÉLIO MARCONDES



CHARADAS Sincopadas

- 1 - Naquela poltrona está uma mulher de re- to angelical (3-2).
- 2 - Aquele artista de circo que faz momice já deu espetáculo no palácio real (3-2).
- 3 - A fila de luzes à frente do palco iluminava um "nome de mulher" (3-2).

AUXILIAR

- + tro = Covil.
- + lo = Bobo.
- + ca = Bagatela.
- + pa = Troça.
- + ma = Leito.
- + do = Flanco.
- + lo = Fraude.

Conceito: Autor teatral.

SOLUÇÕES (Vire a página)

Teste: 4-3-5-2-1.
Auxiliar: Antônio Calado.

Sincopadas: 1 - Cadeira-Cara; 2 - Polhoço-Pago; 3 - Ribalta-Rito.

CHARADAS

Horizontais: 1 - Loos; 4 - Toa; 6 - Artes; 8 - Amor; 9 - Rir; 11 - Zé.
Verticais: 2 - Atom; 3 - Soror; 5 - Atriz; 7 - Si; 10 - Ré.

CRUZADAS

CRUZADAS XI

Horizontais: 1 - Cantigas populares em honra dos santos; 4 - Reboque; 6 - Conjunto de regras para fazer ou dizer alguma coisa com perfeição (pl.); 8 - Grande afeição; 9 - Sorrir; 11 - Apelido de José.

Verticais: 2 - Ligam; 3 - Tratamento que se dá às freiras; 5 - Mulher que representa em teatro; 7 - Sétima nota da escala musical; 10 - Mulher acusada ou criminosa.

UM TESTE PARA VOCÊ

Numerar a segunda coluna de acordo com a primeira.

Peças

- 1 - A onça e o bode
- 2 - Panorama visto da ponte
- 3 - Miquelina
- 4 - Oscar
- 5 - Lázaro

Autores

- Claude Magnier
- Pedro Bloch
- Francisco P. da Silva
- Arthur Miller
- Cleber R. Fernandes

Cinquentenário do Municipal

JOTA EFEGÊ

Ao ensejo do cinquentenário de nosso Municipal, que neste 59 está sendo comemorado, a sra. Stella Pacheco Werneck, dedicada diretora do Museu dos Teatros do Rio de Janeiro, promoveu a publicação de interessante "plaquette" na qual é feito exato e cronológico levantamento das exibições de vários elencos franceses no palco de nossa principal casa de espetáculos dramáticos.

Passando em revista, desde 15 de julho de 1909, quando ocorreu a inauguração de nosso magestoso teatro — com a presença em seu palco da famosíssima Réjane liderando excelente "troupe" onde estavam, entre outros, Gabriel Signoret, Blanche Toutain e Garry Claude — até hoje, a organização do útil documentário foi assinalando, com cuidadosa precisão de datas, a presença em nosso Municipal de todos os conjuntos que ali atuaram. E, minuciando o registro de cada um deles, dá, por ordem alfabética, a relação de seus componentes, dos diretores respectivos, assim como de seus empresários e, ainda, do repertório apresentado em suas temporadas.

Trabalho valioso, quer como pesquisa ou retrospecto, ele serve para informar e dar excelentes subsídios ao histórico que se venha a fazer de nosso Teatro Municipal, onde, a despeito de nossa precária tradição artístico-dramática, já tivemos a presença de nomes consagrados no lirico, no "ballet" e, notadamente, do teatro de declamação cujo gênero a França nos mandou ou seus mais categorizados artistas.

Temporadas memoráveis, dentre as quais as Lucien Guitry, André Brulé, Germaine Dermoz, Gaby Morlay, Jean-Louis Barrault, Louis Jouvet, Jean Vilar e da veneranda "Comédie Française" (agora nos visitando novamente), que tiveram a consagração da critica e do publico, podem ser evocadas ao folhear de cada página, à vista das fotos que, quase sempre, ilustram o relato de cada temporada. E, pois, bem justa a classificação da "plaquette" em referência como informativa e evocativa.

Deve-se, e merecidamente, louvar esse apreendimento da sra. Stella Pacheco Werneck que, agora os seus méritos de dedicada diretora do Museu dos Teatros do Rio de Janeiro, dá magnífica contribuição ao cinquentenário de nosso Teatro Municipal relembrando a presença do teatro francês no palco dessa casa de espetáculos dramáticos em temporadas memoráveis que, hoje, podem ser revividas nas páginas de tão interessante publicação.

E isto permite, também, se constatar que nos cinquenta anos de vida de nosso Teatro Municipal o teatro da França marcou, seguidamente, sua presença com mostras de gala e comprovantes do valor das figuras que sempre trouxeram à frente dos muitos elencos que nos mandou.

Miniatura
da História do
Teatro

(Por Miranda Netto)

Os Romanos Matavam Escravos Em Cêna

As origens do Teatro
Latino — O ambiente
em Roma

Matassin da comédia italiana do século XVI, gravura de Giacomo Franco. Originário das atelanas.



CERCA de mil anos antes de Cristo (900) ao tempo em que David cantava ao som da harpa, seus admiráveis Salmos, caía a cidade de Troia, sitiada pelos gregos. Salomão tinha três anos de idade e a cidade de Poquim, fundada há pouca, florescia, com o nome de Ki. O mundo não era tão bárbaro como poderíamos pensar. No longínquo Oriente, os egípcios, preocupados com os problemas da cultura, já tinham estudado a geometria do triângulo e sabiam calcular raízes; os mandarins assistiam às festas onde os fogos de artifício traçavam no céu trajetórias multicores. No Ocidente, ainda os homens estavam no período das grandes lutas, com armas de bronze e arco elástico de escolhida madeira, ligados com cordas de crina, que faziam chover sobre os inimigos chuvas de setas afiadas.

Enquanto Ulisses se apresta para os seus grandes periplos, povoados de aventura, o pio Enéus, tomando sobre os ombros o velho pai, Anqui- ses, volta às costas ao incêndio que destruiu Troia e embarca em suas naveas, fugindo para a península itálica. O velho Homero cantaria as façanhas de Ulisses, seus amores e suas desditas; caberia a outro grande poeta, o latino Vergílio, cantar as campanhas do pio Enéus e a fundação da latuidade.

DIFERENÇA RADICAL ENTRE OS DOIS POETAS

Há uma diferença radical entre os dois poetas. Homero vem dos tempos heróicos e sua própria existência foi, muito tempo, discutida. A epopéia homérica foi escrita em meio ao oitavo século, ainda não decorridos cinquenta anos sobre o cerco sangrento de Ilião. Cantou com arte refinada o que recolhia dos lábios dos velhos rapsodos e provavelmente ouviu os netos daqueles que ao lado de Aquiles, Agamenon e Ajax tinham combatido contra Heitor e Enéus. Vergílio nasce quase em nossa era, na época de Augusto, César, Cícero. Sallustio e Catullo tinham preparado a língua magnífica e os historiadores romanos lhe ofereciam um completo quadro de referências para o esboço de sua grande obra.

A diferença entre Homero e Vergílio é a própria diferença entre o temperamento grego e o romano e explica-se perfeitamente o teatro dos dois povos. No grego, o sentido da liberdade e da individualidade dominou todas as ações. No romano, o sentido de ordem e de submissão formou a base do Império. Assim poderíamos dizer que o teatro grego foi fundamentalmente homérico e o latino vergiliano.

O TEATRO GREGO NASCEU DOS DEUSES

Já vimos a origem do teatro grego: das celebrações de Dionísio, festas de iniciação, nasceu o ditirambo, onde não raro o êxtase levava a cumes orgiásticos, como sucede com os ritos afro-brasileiros da macumba. Da excitação "dionisiaca" surgiria o teatro grego. A origem do teatro romano seria bem diversa. Para bem o compreendermos precisaremos recordar que a política dos reis, dos triúviro e dos imperadores era a de expandir o Império e assegurar sua prosperidade, mediante uma ação aristocrática, da qual não participava o povo. Este tinha de ser distraído e não educado. A luta pela igualdade civil, a resistência de Catião à corrupção, os ensaios dos Gregos não tinham conseguido modificar o panorama geral. Embora assegurada pela lei das Doze Tábuas (450 AC.) nunca existiu em Roma a igualdade entre patricios e plebeus; a continuidade do domínio da aristocracia estava assegurada com a composição do Senado. Assim, toda a história de Roma se desmola sob o signo da brutalidade e dos baixos prazeres. Uma elite de letrados será a imitadora dos gregos, elite corrompida que olhava com desprezo a plebe, amaciada com vinho, óleo, dinheiro e sobretudo jogos de circo. "Panem et circenses..." Os jogos eram de tal modo frequentes que, no Império, chegou a haver, em um ano, cento e setenta e cinco dias feriados.

DEMACOGIA COM O TEATRO

O teatro, em sua forma circense, era assim uma forma de demagogia corrente, com que se distraía o povo dos costumes dissolutos da nobreza patricia que abandonara as virtudes familiares e a dureza dos primeiros tempos. Aureliano exclamava: "Ide aos espetáculos, ide aos circos! Nós (os patricios) cuidaremos das necessidades do Império. Vós, cuidai apenas do prazer!"

Tal sociedade teve, pois, o teatro que merecia. Era natural, em Roma que o "espetáculo" fosse mais importante que o teatro, que os "jogos" tivessem predominio sobre a poesia. A censura violenta impedia qualquer manifestação de independência e vários autores e atores sofreram com isso. Roma nunca poderia tolerar a liberdade espantosa de um Aristófanes, o Carlos Lacerda da comédia. Nívio foi preso porque ousou criticar o governo em uma de suas peças e Pilades, o mais famoso autor de pantomima de toda a história do teatro romano, andou seriamente ameaçado por imitar, no palco, um figurão da política. Seria impossível, em Roma,



Tipo de personagem das atelanas populares no III século, origem dos tipos grotescos da comédia italiana. Terra cota de Mirino do Museu do Louvre

um teatro no gênero do nosso da Praça Tiradentes.

AS ORIGENS DO TEATRO ROMANO

Assim o teatro romano, fundamentalmente diferente do grego nas manifestações, também dele difere radicalmente nas origens. Os deuses pelásgicos e as divindades gregas trazidas depois da guerra de Troia, Saturno, Dps, Pan, Vesta, Cibele, assumiam um aspecto grave que não se conformaria às alegres bandas de bailarinos que festejavam as glórias de Dionísio. Pouco se sabe das origens e a própria fundação de Roma, a legenda de Remo e Rômulo, amamentados pela loba, são obscuras e menos fundadas que, por exemplo, as lendas gregas. Matronas e Vestais tinham o monopólio do culto da misteriosa deusa "Dania Mater" que se relaciona singularmente às "Madres" gregas, retomadas por Goethe no Segundo Fausto. Há uma certa similitude entre o culto de Dania pelas Vestais e Matronas e as Tesmofórias gregas em honra de Demeter. Com uma diferença: as Tesmofórias foram altamente satirizadas por Aristófanes, na irreverência sem limites

S E G U E

do teatro grego. No culto das vestais ninguém ousaria tocar, sob pena dos mais severos castigos. Paradoxalmente em uma sociedade altamente corrompida, onde a mocidade patricia era muito mais bruta e inconsequente que a pior juventude transviada de nossos dias, essas mulheres, votadas violentamente a uma castidade imposta e não escolhida, eram publicamente veneradas e davam a última palavra em vários assuntos, inclusive no circo, decidindo a sorte dos gladiadores, quando voltavam o polegar para o solo, indicando a morte ou para o céu, indicando o perdão. O "pollice verso" era apanágio de César e das vestais.

A PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO TEATRAL

Ao que parece, o primeiro espetáculo verdadeiramente "teatral" apresentado em Roma deu-se no ano de 364 AC, por ocasião de uma grande peste. Atores etruscos vieram representar em honra dos deuses, no Circo Máximo, que mais tarde seria aumentado para admitir o número verdadeiramente excepcional de trezentos e cinquenta mil espectadores, sobrepujando de muito os maiores estádios contemporâneos. As representações de 364 faziam parte de um grande programa, com o fim de aplacar os deuses. Mas o teatro só entraria em Roma, regularmente, depois da tomada de Taranto, em 272 AC.

Significa isso que, antes dessa data, não existissem representações teatrais em Roma? De modo algum. Desde as origens, alguma coisa semelhante às canções populares e às danças da plebe se estabelecia em Roma, através da influência etrusca. Os etruscos eram admiráveis nas acrobacias e na mimica. Na época romana primitiva, a única manifestação artística, tinham sido as nêmas, cantos fúnebres, os cantos dos irmãos arvais, comunidade dedicada ao culto da deusa agrícola, Dea Dia e dos sacerdotes sálicos, guardiões do templo de Marte, tódas sêcas e formolistas. A verve popular, entretanto, tomava o exemplo dos etruscos e inventava canções satíricas e pornográficas.

OS VERSOS FESCENINOS E AS SATURAE

Já no quinto século começam a surgir, de origem etrusca, alguns versos, dialogados, sumamente iniciais, que tomaram o nome de versos fesceninos. Segundo alguns, a palavra vem da cidade etrusca de "Fescenium", segundo outros de "Fascinum", que é a voz latina equivalente ao grego "Falus". Três adjetivos de uso corrente em nossa língua, fescenino, venerável e fascinante têm assim sua origem em duas divindades

gregas latinizadas. Afrodite, que para os romanos é Venus (do genitivo veneris surgem as palavras, venerável, venerando...) e de Falus, que em latim é Fascinum (de onde vêm fescenino, fascino, fascinante, fascinação...)

Aos versos fesceninos juntam-se logo as "saturae", espécie de farça cuja denominação também é sujeita a uma controvérsia filológica. Saturnus, que em latim significa cheio ou recheado, seria o nome dado a uma representação em que o diálogo era recheado de música e dança. Segundo outros (Kirstein, por exemplo) a palavra vem da pele de bode que cobria os pastores; a satira era uma espécie de farça pastoral, paralela aos jogos dos sátiros gregos, embora deles independente. Aliás a própria "farça" vem de uma palavra latina que significa "recheado". Isso porque as farças, como as satura eram recheadas de cantos e danças. Em

francês farci significa recheado; dinde farcie.

Logo depois surge uma nova forma, onde a mimica tinha um lugar preeminente. Eram histórias, contadas com danças e uma grande riqueza de gestos e trejeitos. Denominavam-se "fabulae atelanae" por terem surgido na cidade de Atela, na atual Campanha romana.

AS ATELANAS E O TEATRO DELL'ARTE

Nessas comédias ligeiras e vivíssimas surgem pela primeira vez os personagens que, já esboçados na comédia nova da Grécia, se tornariam logo as figuras clássicas de todo o teatro italiano do primeiro renascimento; Pierrot, Colombina, Pulcinella, Matassim, Petegola, Ruffiana, Brighella... Ambas, a "atelana" e a "commedia" dell'arte, surgem do povo, sob o aspecto de "commedia

Nos hotéis...





Nos bares e restaurantes...

Nos lares...





...em qualquer parte

grand hotel

Use
em tódas
as ocasiões

OS HIGIÊNICOS E PRÁTICOS GUARDANAPOS DE PAPEL

Leve no
bôlso e
na bôlsa

improvisata", o que lhes daria grande força e sabor especialíssimo.

As "aturae" foram muito anteriores às atelanas no teatro romano. Enquanto as primeiras já estavam introduzidas por volta do V século, estas apenas conquistaram o gosto do público pelo século III, antes de Cristo, ao mesmo tempo que chegavam a Roma as primeiras adaptações de tragédias gregas, feitas por Livio Andrônico. Foi somente no ano 900 AC, que Pomponio e Nívio deram a primeira forma literária às farças populares, cujo diálogo era totalmente improvisado e cuja força cômica residia justamente na grande variedade de recursos mímicos, destinados a contrabalançar a pobreza da improvisada trama. A origem da comédia latina e de toda a comédia italiana da época áurea provém, sem dúvida, das "atelanae". Goldoni é filho direto e diléto dos camponeses da Campania, os inventores dessa admirável forma teatral.

COMEÇA EM ROMA UM TEATRO FORMAL

O teatro formal começa em Roma com as adaptações gregas de Lívius Andrônico, tarantino trazido como escravo pelos soldados consulares. Taranto era célebre pelos seus atores e a experiência de Lívio Andrônico lhe valeu bela acolhida em Roma. Quinto Ennio, que também viera de Taranto, começou a traduzir os clássicos gregos e assim o helenismo começou a penetração em Roma pouco mais de um século antes da conquista militar da Grécia, que foi feita em 146, coincidindo com a queda de Cartago e o fim das guerras púnicas. O helenismo somente atingiria aos aristocratas que adoravam as belas artes e as letras, patricios de boa vida, gente "bem" oposta em tudo aos soldados e aos administradores que carregavam com o fardo de manter o Império. Em breve, apenas pequenos grupos organizavam espetáculos privados, ou simples "leituras" de tragédias. A plebe, em uma cidade onde a classe média tinha desaparecido, não teria acesso a teatro tão intelectual e limitava-se aos cruéis espetáculos do circo e do anfiteatro. Ali, às vezes, chegavam paródias de tragédias gregas, onde o ator era no último momento substituído por um escravo ou por um condenado, assassinado à vista do público, com grande alegria para a população, que via nesses espetáculos grandiosos e cruéis a imagem do invencível poder romano.

OS ROMANOS TIVERAM UMA ESPÉCIE DE "STRIP-TEASE"

O circo, distração habitual do povo, apresentava espetáculos variados: corridas, lutas de gladiadores, batalhas navais e pantomimas

aquáticas, com o circo cheio de igna, lutas e caçadas de feras e, posteriormente, os martírios coletivos dos primeiros cristãos.

Frequentemente se apresentavam números de música e bailado, alguns dos quais singularmente aparentados a certos espetáculos de "music hall" de nossos dias.

As bailarinas eram exímias na dança dos véus, executada com as artistas completamente nuas, em cenários que recordavam cenas marítimas ou pastoris. O "strip-tease", que já tinha aparecido na civilização sumeriana e nas bacanais gregas, reaparece no circo romano com grande regularidade. Nada existe de novo debaixo do sol.

NUNCA HOUE CONDIÇÕES PARA A TRAGÉDIA

Em Roma nunca houve condições para a tragédia. Sabe-se muito pouco de Nívio (morto em 201 AC.) o criador das "fábulas togadas", assim denominadas pela toga com que se vestiam os atores. Augusto fez representar uma tragédia de Vario, denominada "Thieste", para comemorar a sua grande vitória em Actium. De outro escritor de tragédias Actio (cerca de 170 AC.) possuímos somente um pequeno trecho de "Atreu".

Aepnas de Sêneca, o filósofo, nos restam algumas peças completas, tragédias empoçadas, de péssimo gosto, mas que tiveram grande influência na Inglaterra isabelina e na França de Luiz XIV. "Medéia", "As Troia-

	S A T O R
	A R E P O
	T E N E T
	O P E R A
	R O T A S

Sator

Restaurante Húngaro
As famosas sobremesas e tortas da própria confeitaria

R. Souza Lima, 37

Copacabana: Tel.: 27-3555

nas", "Agmenon", são as principais obras teatrais de Sêneca. Ao que parece, nunca foram representadas em Roma.

Há quem pense em atribuir estas peças a um terceiro Sêneca, que seria o trágico (houve outro Sêneca, retórico cordovês, nascido em 61 AC, pai do Sêneca filósofo e moralista, nascido também em Cordova no ano 2, de nosso era) mas os estudos modernos atribuem definitivamente ao segundo Sêneca a autoria das tragédias. Os clássicos franceses, com exceção de Racine, que sabia grego, foram todos influenciados por Sêneca, que também representou um papel importantíssimo na gênese do teatro moderno inglês a partir de Shakespeare.

Dança do véu no circo. Escultura do 5.º século. Um baixo relevo ingênuo representando um espetáculo circense com paisagem marítima.



PRODUTOS DE QUALIDADE
GARANTIDOS PELA MARCA:

UNIÃO FABRIL
EXPORTADORA S.A.



UM SABÃO DIFERENTE
DE USO PERMANENTE

USE OS PRODUTOS



Cordara de Coco
CRISTAL

DIFERENTE

GOSTOSA CRISTALINA



CERA CRISTAL

A cera que faz
brilhar o seu
assoucho



Pasta Saponácea
CRISTAL

Na copa, cozinha e
banheiro a Pasta
CRISTAL economiza
dinheiro.



Sabão
em pó
CRISTAL
com o
deter-
gente
"ALFA
- X - 12"

Um sucesso do No Teatro

Rosalind Russel que fêz o sucesso
teatral de "Tia Mame" no Cinema.



ACONDICIONAMENTO:
Caixão com 24 caixas de 500 grs.

Broadway

Dulcina

"Tia Mame" e a filosofia de viver — A Fundação Brasileira de Teatro lança sua grande produção para 1959.

Nos alegres dias do "charleston", vive em Beckman Place, elegante centro residencial de Nova York, uma milionária, extravagante e culta, cuja filosofia de vida é "viver" a Vida, plena e totalmente, livre de preconceitos.

É nessa época que ao seu apartamento chega, tímido e assustado, abrindo os olhos curiosos para o mundo, o seu sobrinho órfão (vindo de um ambiente austero de Chicago, onde a vida era regida por severas convenções).

O prazer de plasmar à sua maneira uma vida que começa, domina inteiramente a excêntrica mulher e nem o desastroso "cracking" que a deixa na miséria, nem os preconceitos do rígido tutor da criança ou mesmo o amor do marido que a carrega pelo mundo em longa viagem de lua de mel conseguem desviá-la do propósito de fazer do jovem Pat um homem conscientemente feliz.

Das peripécias por que passa para conseguir seu intento — nos dezoito anos que transcorrem desde aquele atordoante "party", em que abraçou pela primeira vez o seu pequeno Pat, até a tarde em que, como uma fada de contos infantis, arrebatou o filho deste dos braços dos pais ansiosos para nova aventura de moldar uma alma — brotou a deliciosa comédia de Jerome Lawrence e Robert Lee, cuja apresentação na Broadway constituiu absoluto sucesso, por mais de dois anos.

Durante esse tempo, "Tia Mame", encarnada por várias comediantes famosas do quilate de Rosalind Russel — sua criadora e que com seu desapego obteve o maior sucesso de sua longa carreira — Greer Garson, Sylvia Sydney, Eve Arden, Constance Bennett e Beatrice Lyle, vem ensinando a todos, que a vida é o maior

dom que temos sobre o mundo e que o importante é sabermos vivê-la, com um sorriso nos lábios, compreensão e amor no coração.

Essa esplêndida lição de otimismo chega-nos agora, num momento mais do que oportuno e nos será transmitida pela nossa maior comediantes, e, sem dúvida, a nossa mais capacitada intérprete para a esfusante personalidade de "Tia Mame", DULCINA DE MORAIS, que nesse papel encontrou o melhor ensejo para seu retorno ao palco, após tantos anos de afastamento.

Para a apresentação dessa admirável comédia ao público brasileiro, a Fundação Brasileira de Teatro não tem medido esforços, tendo já contra-



DULCINA

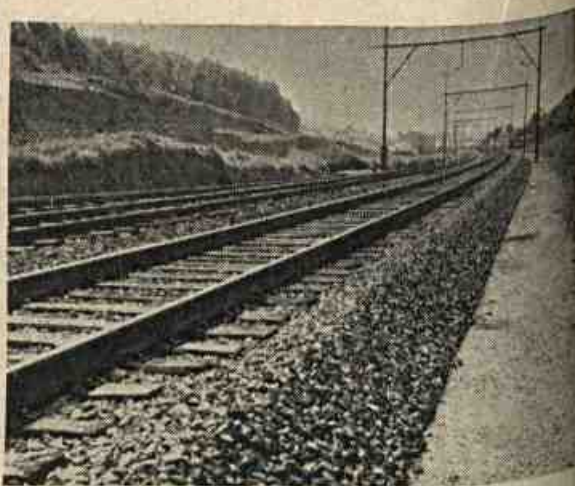
tado Kalma Murinho e Napoleão Moniz Freire — cujos nomes são uma garantia de bom gosto — para o difícil trabalho de ambientação das 26 cenas, em que se movimentam os 49 personagens da peça.

O lançamento dessa nova produção, pela expectativa de que está cercado e os preparativos que se fazem, será o grande acontecimento teatral do ano e servirá de afirmação para o elenco permanente da F. B. T., constituído na sua totalidade, de jovens atores recém-saídos da Escola de Teatro da F. B. T. e que, não obstante integrado de alguns "cartazes" especialmente convidados, terá sob seu encargo a grande maioria dos papéis, todos eles exigindo grande apuro dos atores.



EVE ARDEN

NÃO SE ESQUEÇA! — Se faltar luz, verifique primeiro se não foi o fusível que queimou. Trocar o fusível é muito fácil. 1.º Desligue a chave; 2.º retire o fusível queimado; 3.º Coloque o novo fusível (tenha sempre à mão dois ou três fusíveis novos); 4.º Religue a chave. Pronto. Viu como é fácil!...



A Central do Brasil fez circular um trem de 99 vagões de transporte de minério de Lajafete (Minas) para Volta Redonda. Uma demonstração da segurança de suas linhas e do aperfeiçoamento de seus métodos operacionais.

A RFF tem na via permanente das estradas sua maior preocupação. Gastou em 1958 cerca de 4 bilhões de cruzeiros em dormentes, trilhos e lustramento. Ai está um trecho remodelado.

Economia e Produção

Reconquista de Confiança nos Transportes Ferroviários

A solução de recuperação técnica, material e administrativa das vias férreas federais, surgida como complemento dos estudos preliminares efetuados em 1952 pela Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, foi a Rede Ferroviária Federal. Em face do desgaste sucessivo de suas vias permanentes e de suas unidades de tração e locomoção, resultantes da progressão dos déficits e do emprego desordenado de pessoal, excessivo e sem preparo tecnológico, as estradas da União se viram sem recursos para renovação de seus equipamentos. A deterioração galopante e a concorrência dos transportes aéreos e rodoviários, culminaram por alistar das Estradas de Ferro os clientes que dela se utilizavam no transporte de mercadorias dos centros de produção para os núcleos de consumo.

O ingresso do país num programa de desenvolvimento industrial impôs a reforma de seu parque ferroviário. Instituída no atual governo sob regime de economia mista e disposta de dotações orçamentárias e de recursos próprios para o empreendimento de sua tarefa de remodelação, a RFF começou a sua árdua e demorada luta de equipamento das estradas.

O empréstimo de 100 milhões de dólares concedido pelo Eximbank ao governo brasileiro, permitiu a compra nos Es-

tados Unidos de 195 locomotivas diesel elétricas. A restauração mais rápida ocorreu exatamente nas ferrovias que tiveram sua dieselização ampliada. A Paraná-Santa Catarina, por exemplo, regularizou o transporte da safra cafeeira do norte do Paraná, o mesmo sucedendo em relação ao transporte de gado no Noroeste do Brasil. A Central aumentou sua capacidade de fornecimento de minério a Volta Redonda e a Rede Mineira elevou seus carregamentos, suprimindo as obras de Brasília.

A RFF adotou normas modernas de preparo de seu pessoal, reformou os processos de administração e proibiu a admissão de novos funcionários.

Dezenove ferrovias compõem hoje a RFF, pois, recentemente, foram incorporadas, por meio de reversão aos domínios da União, a Viação Férrea Rio Grande do Sul e a Estrada de Ferro Central do Paraná.

Nas estradas mais dieselizadas, a receita cresceu, o nível de produtividade elevou-se, promovendo a regularização dos transportes e a reconquista dos usuários que passaram a confiar nos transportes ferroviários.

UM FENÔMENO :

"Deus lhe pague!..."

de BRICIO DE ABREU

fotos do seu arquivo particular



*História de uma peça que Pro-
côpio não acreditava e que foi
o sentido revolucionário do
Teatro Brasileiro. Joracy Ca-
margo um "bom", que vive
exclusivamente de escrever.
Uma história simples, da cria-
ção de uma peça que já foi tra-
duzida em todas as línguas.*

SE GUE

Joracy Camargo, com sua Cia. no Copacabana, interpretando ele próprio "Deus lhe Pague", com Paulo Ferraz (no Barata).



Foto histórica da estréia de "Deus lhe Pague" no Rio, no antigo Teatro Casino, em 7 de Julho de 1933. Vemos da esquerda: O ponto da Cia. — Ruth Viana, Viana, Zezé Fonseca, Procópio, Elza Gomes, Joracy, Cazarré, Luiza Nazareth, Eurico Silva, Albertina Pereira e Abel Pava.

Tudo o Brasil comemorou não há muito, em Dezembro de 1957, com grandes festas, o 25.º aniversário da 1.ª representação da comédia "Deus lhe Pague", de Joracy Camargo, estreada em São Paulo, no Teatro Boa Vista, na noite de 30 de Dezembro de 1932, pela companhia Procópio Ferreira. A Sociedade de Autores, promovem banquetes, conferências, enquanto Instituições, como a Escola Martins Pena e a Fundação Brasileira de Teatro, promoviam representações da peça. Os jornais de todo o Brasil marcaram a data, com reportagens e fotos, e até a mais nova das artes, a Televisão através do Canal 6, Tupi do Rio, localizou a vida do autor no seu popularíssimo programa "Esta é a sua vida". Mas, porque todo esse alarido, esse regozijo pelos 25 anos de uma peça teatral? Na certa, o teatro Nacional possui várias outras, com 50 e até mesmo comemorando centenário, sem que tais festejos tenham sido realizados. É que a peça de Joracy Camargo, marca um período de transição dentro do nosso teatro. O seu enorme sucesso (hoje, com mais de 6 mil representações e traduzida em todas as línguas, até em japonês) veio libertar o nosso teatro do acanhado ambiente em que vivia. O teatro "digestivo" e o "para rir", haviam tomado conta do público. Itália Fausta vivia isolada, em tremendo esforço, dentro de um repertório burguês, que vinha do "Theatre Libre" de Antoine, sem tomar conhecimento da evolução Copeau. O nosso grande ator, era Leopoldo Froes, com um repertório "Boulevardier". Procópio, com os êxitos obtidos ajustava a sua arte dentro da mesma bitola: "teatro para rir", Teatro digestivo".

HISTÓRIA DE DEUS LHE PAGUE

Joracy Camargo, hoje explica que Procópio, apesar de achar a peça maravilhosa, tinha medo de montá-la, pois ia de encontro a tudo aquilo que era o sucesso da época. Não cremos, Procópio nem

pensou em consequências literárias e artísticas. Em 1931, Joracy leu a peça para Procópio, que não acreditou nela, tanto que levou um ano sem montá-la. Um dia houve um fracasso qualquer de uma peça que não correspondeu, Procópio não tinha em mãos outro original e resolveu montar aquele que já estava em seu poder há um ano. E isso, porque podia ela ser encenada com cenários aproveitados. Somente tempos após a sua estréia, diante do sucesso, é que novos cenários foram feitos, de acordo com a peça, que foi estreada a 30 de Dezembro de 1932. Pelo menos isso era o que se contava na época, e que foi reproduzido, várias vezes, em nossa imprensa, em recortes que possuem ainda. E tanto é assim, que a peça foi montada em pleno verão, em excursão e na época em que, fechada a temporada do rio, as companhias demandavam S. Paulo, onde só representavam repertório já levado no Rio e onde nunca estreavam

novas peças. Diante das casas fracas do repertório, Procópio resolveu montar "la diable", o original. O certo é que a peça foi um êxito extraordinário, e o próprio Procópio depois, no prefácio da primeira edição, escreveu: "Deus lhe Pague" é a grande obra cultural do teatro brasileiro. Marca o início da nossa arte cênica na sua verdadeira expressão: teatral, cultural e social. Com "Deus lhe Pague" o nosso teatro, até agora acanhada representação de hábitos, usos e costumes, pilhérico e sem intenções além de distrair, se integrou na sua alta missão educativa, como fator principal de civilização. No Rio, a peça só foi levada em 15 de Junho de 1933, dando 130 representações consecutivas (fenômeno para a época), no antigo Teatro "CASSINO", DODSWORTH MANDARIA POR ABALNO, SOB O pretexto de que "ameaçava ruir"... e para isso, teve que empregar dinamite, tão sólida era ele!



Bricio de Abreu entre Joracy Camargo e sua senhora, em 1929.

JORACY CAMARGO UM AMIGO

Joracy e eu começamos quase na mesma época. Talvez tenha ele vindo 2 ou 3 anos depois, porque comecei com 16 anos apenas, em 1919. Sempre fizemos parte dessa coisa sacrificada, que pede muito e dá tão pouco, que se chama Teatro, mas oude esse pouco, compensa. Creio que fomos de todas as batalhas da vida de teatro e imprensa, sempre de mãos dadas, como amigos nestes quasi 40 anos de vida teatral. E' difícil não ser amigo de Joracy. Aqui, na Europa, sempre nos encontramos lado a lado nos momentos difíceis, e não raras vezes, estivemos na cabeceira um do outro, durante horas de doença. Conheço-o profundamente. Somos da época dos homens que

eram "sô coração", como Alvaro Moreira, Homero Prates, Luiz Peixoto, Carlos Bittencouri, Cardozo Menezes, Ari Pavão, Orestes Barbosa, Mário Magalhães, Moacir de Almeida, Erico Graçindo e tantos e tantos outros, que deram a nossa mocidade um profundo sentido de beleza e ao ambiente do Rio, aquela sensibilidade que criou uma Boêmia que hoje não existe. O boêmio de hoje é outro. Não é boêmio, é "Play Boy"! Joracy Schafflor Camargo, nasceu no Largo da Fábrica, no Rio Comprido (hoje Praça Saens Pena) a 13 de Outubro de 1898. Sua vida de teatros foi iniciada aos 14 anos, no palco do "Clube 24 de Maio", sob a

SE G U E



Arturo de Cordoba e Zully Moreno principais personagens do filme "Deus lhe Pague" — Um êxito, dos maiores, do cinema argentino.



Foto de 1958 — Joracy Camargo entre sua senhora, seus filhos e netos . . .

direção de Oscar Mota, pai do caricaturista Fritz, representando uma peça intitulada "Qual dos três?", do próprio Mota e Freire Jr. Em 1915, tomou parte em um espetáculo do "Clube Ginástico Português, na peça francesa "Toupinel, que Deus haja!". Vamos encontrá-lo como amador, até o advento do "Teatro de Brinquedo," com Alvaro e Eugênio Moryra, em 1927. Em 1921, diante do sucesso de "Onde Canta o Sabiá", no Trianon, teve idéia de escrever uma peça que intitulou "Fruta do Mato". Levou-a a Oduvaldo Viana, então diretor do elenco Trianon, que julgou-a, "uma droga". Joracy revoltou-se e, "prometeu a si mesmo, que havia de vencer naquele teatro!". Mas, o tempo passa. Em 1924 no Recreio apresenta com Pacheco Filho, a revista "Me Leva Meu Bem", com estrondoso sucesso. Revista que ele e Pacheco Filho me leram no alto do teatro João Caetano, onde funcionava a S. B. A. T.). Estava lançado. O teatro de revista seduzia-o pelos largos proventos. Sempre viveu de sua pena. Até 1927, fez uma série de revistas. Em 28 depois de curiosa história, teve, no "Trianon", teatro onde jurara vencer, o seu primeiro êxito de comédia, com "De quem é a vez?" Dora a peça a Jaime Costa como tradução de uma peça francesa, porque Jaime achava-o "um autor de revistas". Acontece que Froes aparece no Rio, e anuncia a tradução da peça que Jora apresentava no Trianon. Ameaça de processo... e Jora confessa que empregara o tema da

"tradução para dar uma lição a Jaime Costa. São confrontados os originais e... as peças eram totalmente diferentes uma da outra... Em 1923 teve "Menina dos Olhos" no Lírico, com Froes. Vem a seguir "Chauffeur", escrita para a Cia. Belmira-Odilon, e onde voltou para o palco, que abandonara, Dulcina, que aí conheceu Odilon com quem se casaria mais tarde. Quando fez "Boho do Rei", Procópio entusiasmou-se e fechou com ele (pela primeira vez em nosso teatro) um contrato de "exclusividade", que nos deu "Deus lhe Pague", "Neto de Deus", "Marabá" e "Anastácio"... O nosso espaço não dá para contar uma vida tão cheia de episódios que marcaram o martírio da vida de um puro intelectual no Brasil. Joracy foi funcionário público, (e demitido arbitrariamente) jornalista militante durante anos (trabalhou em quasi todos os nossos jornais), poeta e ensaísta, suas peças foram traduzidas em todos os idiomas. Como todo o autor, teve "Companhia" sua, na qual ele próprio representava, o que não impediu de ser representado por todas as demais Companhias nacionais. Em 1947 a ABCT (Associação dos Críticos de teatro) conferiu-lhe "medalha de ouro", como melhor autor do ano. Em 48 foi eleito membro do "Comitê Executivo do Instituto Internacional do Teatro da Unesco", sendo também membro da "Confederação Internacional das Sociedades de Autores". A bibliografia de Jo-

racy Camargo, é imensa, pois obrigada a viver de sua pena, produziu incessantemente. E hoje, um dos nossos melhores autores e, talvez, o que mais produziu, não tem emprego de nenhuma espécie. Casando-se aos 18 anos, antes dos 20 já era pai. De seus 5 filhos, 4 moças e um rapaz, tem tido as maiores alegrias, inclusive a de hoje ser o "avô" mais velho do Brasil, com 4 netos.

"Deus lhe Pague"... a peça que marca na história do teatro Brasileiro, traduzida, como já disse, em todas as línguas, e não poucas vezes proibida em quase todos os países, para depois ser autorizada (como aconteceu em Portugal), devido ao seu sentido revolucionário. Teve como criadores: Procópio, Darcy Cazarré, Elza Gomes, Eurico Fonseca, Abel Pêra, José Soares, Eurico Silva, Albertina Pereira, Luiza Nazareth, Ruth Viana e Eduardo Viana. — Registramos aqui alguns largos anos de uma peça que, não somente revolucionou o nosso Teatro, mas que tem sido representada em todo o Brasil, desde os simples e humildes palcos de amadores e de circo, até dos Teatros de grande luxo, sem parar, incessantemente e que é também, a peça escolhida pelo governo norte-americano, para o "ensino prático de português" nas suas academias militares. Nos mesmos, tivemos ocasião de traduzi-la para o francês por Horry Baur e Jowet, quando salve-se, tinha o firme propósito de levá-la ao Paris.

UM CONSELHO: — Não deixe que seus filhos soltem papagaios nas proximidades dos fios elétricos. Além de perigoso, isso pode causar prejuízos e danos a você e aos seus vizinhos. Fiscalize o lugar escolhido para esse passeio. Tempo a fim de que uma simples brincadeira não se transforme em perigo.



Chegada às Oficinas de Pôrto Novo, do engenheiro Vicente Brito Pereira Filho, tendo à direita o sr. Octávio Faria, secretário da Superintendência.



O Diretor Superintendente, nas Oficinas, alcutou as reivindicações dos ferroviários do Pôrto Novo.

PORTO NOVO - cidade dos ferroviários



Wanda Ragone de Marca, beldade mineira, ladeada pelo Diretor da Leopoldina, Eng. Vicente do Brito Pereira e o Prefeito Wilian Sayone, aparecendo ainda o sr. Ezequiel Mendes, sub-Chefe do Departamento de Relações Públicas e ex-Deputado Federal por Minas Gerais.

É ONDE MORA
MISS
"ALÉM PARAIBA"

PORTO NOVO é uma próspera cidade mineira e ponto importante da linha da Estrada de Ferro Leopoldina. E' que lá estão sediados vários serviços de monta, oficinas de reparas, sede sindical ferroviária, sendo por isso ponto de concentração ferroviária.

Foi atendendo ao convite dos funcionários ali residentes e do comércio e indústrias locais, assim como organizações várias, que o diretor Superintendente da Estrada de Ferro Leopoldina, engenheiro Vicente de Brito Pereira Filho, fez uma visita à cidade, coincidindo encontra-la engalanada para outras festas civicas e religiosas de tradição.

Na estação aguardava o diretor superintendente da Leopoldina o prefeito, sr. William Sayone, pessoas gradas da cidade e a famosa banda de música Carlos Gomes. Após o contato com esse alegre e típico, o prefeito William Sayone ofereceu um jantar em sua residência ao visitante e sua comitiva, integrada de altos funcionários daquela Estrada, do qual tomaram parte ainda os representantes da classe ferroviária, srs. Gilson Rossin Nascimento, Walter Portinho e o diretor da Rádio, dr. Júlio Brandão.

A nota social foi dada na recepção em honra do visitante, no Rex Club, cujo presidente, sr. Nubio Binato, saudou-o e à sua comitiva. Abrilantava a festa a presença formosa da srta. Wanda Ragone de Marca, terceira colocada no concurso que elegeu a mais bela de Minas, e que é, também, funcionária da Estrada de Ferro, como professora do Liceu Operário.

Contou ainda do programa a visita demorada às grandes oficinas de Pôrto Novo, pertencente à Estrada, sendo ali recebido pela Banda 7 de Setembro, composta pelos próprios ferroviários, a visita ao Liceu Operário, Delegacia Sindical, Associação 18 de Julho, Club dos 200 e o Ginásio Além Paraíba, onde almoçaram, indo em seguida verificar o serviço de lastreamento da linha ferrea que ali se procede em largo trecho.

O Teatro na Bahia do Século XIX

ALEXANDRE PASSOS

Não resta a menor dúvida de que o Teatro, em todos os momentos do Romantismo, teve grande impulso, o qual, no Brasil, se fez sentir através de bons autores, boas peças e boas casas de espetáculos, para a época. Em país novo, isso era importante e de qualquer forma, significava progresso.

O romantismo está ligado ao Teatro desde os seus lançamentos oficiais, em 1830, através do *Hernani*, de Victor Hugo, que em 1827, no prefácio de sua primeira peça, *Cromwell*, também drama, já o preconizava.

O meu propósito é situar a posição da Bahia, em face daquele movimento, mostrando que não só na Cidade do Salvador, mas em Santo Amaro e Feira de Santana, com os seus teatros *São Paulo* e *Santana*, respectivamente, além de outras cidades, em salões adaptados, as representações eram freqüentes. Paralelamente às companhias organizadas, grupos de amadores também contribuía para o realce da arte cênica. Desses conjuntos, saíram Iemenita dos Santos (a primeira), Xisto Bahia, Olimpio Nogueira, Isabel Pôrta e Clélia de Araújo, que tiveram destacada atuação no teatro nacional.

Xisto Bahia foi, aqui no Rio, o introdutor dos bailes pastoris, em alto estilo, e dos ranchos; modalidade carnavalesca do que se fazia em sua terra, nas três noites consagradas ao Reis Magos. É autor das comédias *Uma véspera de Reis* e *Dois páginas de um livro* e da letra da conhecida modinha *Ainda e sempre*.

Inaugurado a 13 de maio de 1812, o Teatro São João, da Bahia, pelo Governador D. Marcos de Noronha e Brito, o taylor Conde dos Arcos, que terminara a obra iniciada pelo seu antecessor, o Conde da Ponte, a Bahia podia utinar-se com a posse de uma das melhores casas de espetáculos da Colônia.

O ciclo áureo do seu teatro coincidiria, entretanto, com a segunda e terceira gerações românticas, o que aconteceria, no século XIX, em todo o Brasil.

As revoluções, as oscilações, resultantes

do Encilhamento, e a campanha de Canudos perturbaram a continuidade de um longo período de calma espiritual, em que pese a guerra contra o ditador do Paraguai, que não lhe prejudicou.

Desaparecido o Teatro São Pedro de Alcântara, o segundo da capital, fundado antes de 1840 e que, em 1875, ainda existia, um grupo de capitalistas inaugurou, em 1886, o *Politeama Baiano*, o qual, se não possuía, externamente, a impotência do Teatro São João, contudo, apresentava um palco moderno e platéia para grande lotação. Contemporâneo do Teatro Lírico do Rio de Janeiro, semelhava-o quanto a esse ponto.

Foi demolido em 1936, depois de, durante meio século, ser o preferido das companhias de elenco numeroso.

O Teatro São João, na madrugada de 6 de junho de 1923, quando passava por grandes melhoramentos, foi destruído por um incêndio.

No meado do século XIX a Assembléa provincial chegou a votar subvenções de sessenta contos para companhias líricas. Quantia avultada para época, comentada pela oposição e por *O Guianicú*. Mas a Bahia assistiu a bons espetáculos por conjuntos de primeira ordem, a

preços ao alcance de todas as bolsas, conforme estipulava uma das cláusulas da concessão.

A Bahia, na opinião de Sílvia Romero ao tempo, "era o centro irradiante da literatura dramática".

Os conjuntos estrangeiros, antes de virem ao Rio, por lá passavam, recebendo a crítica dos habituados exigentes, a que não eram indiferentes as classes estudantil e caixeral.

Na imprensa, opinavam Belarmino Barreto, Cirilo Elói, Castro Bebelo, Lapa Pinto, Lélis Piedade, não devendo ser esquecido Rui Barbosa, durante os sete anos em que redigiu o *Diário da Bahia*.

Em geral, os poetas e escritores eram também teatrólogos, porque o teatro, juntamente com as sociedades recreativas, com as suas orquestras e filarmônicas, algumas das quais ainda existentes, contribuíam para o bem-estar de vários grupos.

O "Conservatório Dramático" era o árbitro, uma vez que todas as peças eram por ele julgadas e censuradas. "Era o nosso Cenáculo, onde se reuniam os mais distintos dramaturgos, críticos, jornalistas, poetas e oradores", diz-lo Sílvia Bocanera Júnior. (*Bahia Históricas* 1923), teatrólogo e historiador do teatro nacional.



"Teatro São João" da cidade do Salvador, inaugurado a 13 de maio de 1812 e destruído, por um incêndio, a 6 de junho de 1923. Fotografia anterior a 1870.

ISTO LHE INTERESSA: — Em cada dez chamados telefônicos atendidos pela Light sob falta de luz, nove são para mudanças de fusíveis queimados! Ganhe tempo e coopere no aperfeiçoamento de um bom serviço coletivo, examinando os fusíveis (e trocando-os, se for o caso) antes de telefonar.

Fra o tempo de Agrário de Menezes, que o designo, Rodrigues da Costa, Amador Tavares, Cunha Vale, Álvares da Silva, João de Brito, Figueiras Sobrinho, Júlio César Leal, Pinto para e muitos outros.

Vice-Presidente efetivo, Rui Barbosa o presidiu em exercício em 1875.

Sendo a censura exercida por homens de teatro, estes, em todo o Brasil, mereceram o respeito e a consideração do público, pois o Rio também possuía, na mesma finalidade, o seu "Conservatório Dramático." No meu recente livro, "Agrário de Menezes e o Romantismo", há um capítulo dedicado aos contemporâneos do autor de *Calabar*, nascidos antes e depois dele, sendo citados com os nomes de cada um deles, os títulos de suas peças principais.

Por aí se poderá aquilatar do desenvolvimento do teatro nacional através de cinco ou seis décadas, pois alguns, como Machado de Assis, Artur Azevedo, Quintino Bocayeva e Barata Ribeiro sobreviveram de mais de quarenta anos ao biocêntrico.

A popularidade do teatro, o que acontecia até um pouco antes da primeira Grande Guerra, era igual à do cinema e à do futebol, atualmente. Polemicas culturais se travaram nos recintos de suas salas, assim como reivindicações cívicas e filantrópicas, ao tempo em que eram constantemente apresentadas peças nacionais e estrangeiras.

O povo não se limitava a aplaudir tudo; participava também da crítica ao que lhe não agradasse. O hábito de freqüência aos espetáculos contribuiu para o seu aprimoramento.

Eram raras as tragédias; mas os dramas, as comédias, as óperas e, mais tarde, as revistas, principalmente quando caricaturavam homens da hora e ridiculizavam alguns fatos, com elevação, sem dúvida divertiam e educavam.

Para se ter uma idéia do prestígio do teatro, na época, basta lembrar que, nos bons tempos da borracha, na Amazônia, os governadores dos Estados do Amazonas e do Pará mandaram construir, nas respectivas capitais, o "Teatro Amazonas" e o "Teatro da Paz", os quais, durante alguns anos, foram os mais ricos do Brasil.

O que pretendo aludir é à grande projeção do teatro no século passado e primeiros anos do nosso, convido acentuar, a bem da verdade histórica, o interesse dos dois imperantes, que, várias vezes, auxiliaram a construção e a reconstrução de alguns, sendo da intimidade dos Paços da Cidade e de São Cristóvão os grandes artistas.

E a Bahia brilhou durante esses longo período, formando autores e atores de valor incontestável.

ALEXANDRE PASSOS

Nome conhecido nos círculos literários desta capital, Alexandre Passos, autor da "A Arte no Tempo do Onça" e outras publicações, escreve este artigo sobre o teatro na Bahia no século XIX.



Natalia Dudinskaja e Vladílem Semonov, no "Pas-de-Deux"

BALLET SOVIÉTICO VISITA O BRASIL

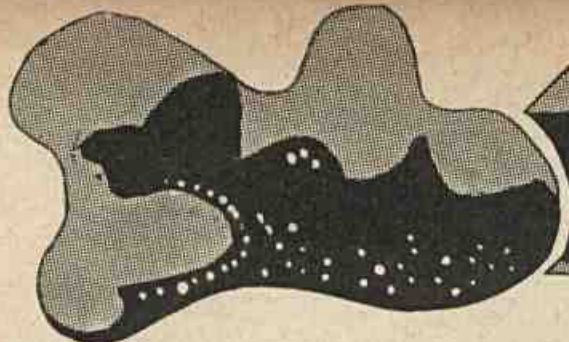
Dando maior brilhantismo à Temporada do Cinquentário do Teatro Municipal, que vem sendo realizada com grande êxito, o empresário Dante Vigliani conglobou com a direção dos espetáculos da União Soviética a vinda ao Brasil de um novo conjunto de ballet representativo dos países que a compõem.

O grupo que desta feita vai se exibir para o nosso público é integrado por 14 bailarinos dos principais teatros da URSS e traz à sua frente três famosas estrelas quais sejam: Natalia Dudinskaja, primeira bailarina do grand Théâtre Académique da Ópera e Bailados de Leningrado; Irina Tijomirnova, bailarina do Teatro Bolchoi de Moscou e Violetta Bovi, solista do ballet do Teatro Stanislavsky de Moscou.

O referido conjunto que, cada a sua rápida estada no Brasil, fora apenas duas exhibições no Teatro Municipal, tem a sua estreia marcada para a noite de 7 deste mês (julho) e apresentará o seguinte repertório:

- Adapto do Ballet "O Lago dos Cisnes", música de Tchaikowsky — A Pérola, música de Rimski-Korsajev — Dança Montanhês, música de Zimadze — Cena do Ballet Esmeralda, música de Drigo — O Balthero, (Dança Popular russa) — Afresco, música de Pallaschvili — Joandores de Tênis, música de Istori — Dança Popular de Tadshita — Pas de Deux do Ballet "Don Quixote", música de Minjus — Aguas Primaveras, música de Rachmaninof — Gavota, música de Lull — Padeiros do Ballet "Raimonda", música de Glazunof — Primavera, música de Verdi — Dança Georgiana, música de Radadze — Pas-de-Deux do Ballet "O Ribeiro da Felicidade", música de Savadjevchia — "Chá-ban" (Dança Popular do Usbeq), música popular — "O Tear e a Donzela", dança popular russa, música de Tchaikowsky — Trecho do ballet "Glacé", música de Adam — Polonesa e Música da Ópera "Ivan Susanin", música de Glinco — Fragmento do Ballet "Selvagem", música de Deliber — Dança Jesusreza, música de Davydov — Dança Gitana, música de Minjus — Dança Clássica Hindu — Clair De Lune, música de Beethoven — Pas de Deux do Ballet "O Lago dos Cisnes", música de Tchaikowsky — O Justo "Dança Popular Georgiana" — Valsa, música de Dulova — Melodia, música de Gluk — Dança Nupcial, música de Pallaschvili — A Morte do Cisne, música de Saint-Saens — Bonecas, música de Liadov — Dança Popular Moldava — Dança Popular Armênia — Pas de Deux do Ballet "Coradrio" — música de Adam — Valsa, música de Strauss — Valsas, música de Monzkovski.

Natalia Dudinskaja foi aluna predileta de Vaganova e sua interpretação de "A Morte do Cisne", de Saint-Saens, rivaliza com a de Galina Ulanova o que faz com que os balletomanos da União Soviética dividam suas preferências entre as duas famosas artistas. E, rivalizando com a sua colega de conjunto, Violetta Bovi é considerada como a melhor intérprete de "O Lago dos Cisnes", de Tchaikowsky. Isto sem esquecer-se Irina Tijomirnova que, na recente apresentação do elenco do Teatro Bolchoi em Londres obteve aplausos unânimes da crítica pela sua técnica maravilhosa e sentido interpretativo.



Delos

RIVAL

Tel.: 22-2721

Aida Garrido e sua companhia de Comédia eb:

CINDERELA DE CAXIAS

de Vinci e Valmy

Trad. de Agnello Macedo

Com: Delorges e um grande elenco

Diariamente às 21 horas.

Sábados às 16 às 20 e 22 horas. Domingos às 16 e às 21 horas.

GINÁSTICO

Av. Graça Aranha, 187
Tel.: 42-4521
O TBC Apresenta

PANORAMA VISTO DA PONTE

de Arthur Miller. Tradução R. Magalhães Jr. Direção de Alberto D'Aversa

com: Leonardo Vilar — Nathalia Timberg e um grande elenco.

A seguir:

'O ANJO DE PEDRA'
De 3.^a à 6.^a às 21 horas.
Aos Sábados às 20 e 22,30 horas. Vesperais quintas (preços reduzidos) Domingos às 16 horas.

DULCINA

Rua Alcindo Guanabara

Tel.: 32-5817

F. B. T. Apresenta:

TIA MAME

com: Dulcina, Odilon, Marlene, Gracinda Freise e um grande elenco

Diariamente às 21 horas.

SÃO JORGE

Rua Calete, 388
Tel.: 45-9051
TEATRO DO RIO

A RATOEIRA

de Agatha Christie com Aurora Aboim, Rubens Corrêa, Aldo de Maio e outros.

Diariamente às 21 horas. Aos Sábados às 20 e 22 horas. Aos Domingos às 17 horas. (Vesperais quintas-feiras preços reduzidos).

A ONÇA E O BODE

peça infantil de Cleber Ribeiro Fernandes. Aos sábados às 17 horas e aos domingos às 16 horas da manhã.

ONDE SE COME O VERDADEIRO GALETO AL PRIMO CANTO



Galeto

TÍPICO GAUCHO



Almoço: das 11,30 às 15 hs. - Jantar: das 18,30 à 1 da madrugada. R. Constante Ramos, 140-Copacabana

MESBLA

Revista: 22-7622
CIA. TONIA - CELI - AUTRAN Apresenta

SEIS PERSONAGENS A PROCURA DE UM AUTOR

de Pirandello com: Tonia Carrero, Paulo Autran, Margarida Rey, Adolfo Celi e outros.

Terça-feira sessão da 'seis' às 18,15 horas. De quarta à sexta-feira às 21 horas. Aos sábados às 20 e 22,15 horas. Aos domingos às 16 e às 21 horas. (Vesperais às quintas-feiras preços reduzidos).

CARLOS GOMES

Tel.: 227581
JOANA D'ARC Apresenta a revista

MULHER SÓ DAQUELE JEITO

de Meira Guimarães e Roberto Ruiz

com: Nick Nicola, Saluquia Rentini, Pedro Dias, Valéria Amar e Manoel Vieira

Atração:

LUZ DEL FUEGO

Diariamente às 20 e 22 horas - Vesperais às 5as., sábados e domingos, às 16 horas.

RECREIO

Rua Pedro I
Tel.: 22-8164

WALTER PINTO Apresenta

TEM BUBUBÚ NO BOBOBÓ

de Iglesias, Max, Maia e Walter Pinto

com: Virgínia Lane, José Vasconcelos, Walter D'Ávila e outros.

Diariamente às 20 e 22 horas - Vesperais às quintas, sábados e domingos às 16 horas.

J. CAETANO

Praça Tiradentes

J. Maria e Max Nunn

Apresenta a Revista:

BRASIL DE CABRAL a J. K.

com um grande elenco

Diariamente às 20 e 22 horas.

Teatro São



COPACABANA

Tel.: 57-1818

(Real Teatro)

"Os Artistas Unidos"

Apresentam

ALÔ 35-5499

de Abílio Pereira de Almeida

com: Laura Suarez, Elizabeth Henreid, Alan Lima, e Sérgio de Oliveira.

Diariamente às 21,30 horas. Vesperais às Quintas, Sábados e Domingos às 16 horas.

O TABLADO

Av. Lisen de Paula Machado, 795

Apresenta:

"LIVING - ROOM"

de Graham Greene

As quintas, sextas e sábados às 21 horas. Aos domingos, às 17 horas e 21 horas.

DA PRAÇA

Praça Cardeal Arcoverde Reservas e vendas de bilhetes na Livraria São José, 40 — Tel.: 32-3893 das 14 às 18 horas. Depois das 21 horas pelo Tel.: 37-3709

ESTÁ LA FORA
UM INSPETOR

de Priestley

De quarta-feira à domingo às 21,30 horas — Aos domingos vesperais às 18 horas.

A VOLTA DO
CAMALEÃO

de Maria Clara Machado. Aos domingos às 16 hs.

TIJUCA

Praça Saens-Pena

Aurimar Rocha

Apresenta:

PEDRO MICO

de Antônio Calado

Com: Jacé Valadão, Tereza Austregésilo, Isabel Camargo e Matozinhos.

Diariamente às 21 horas. Vesperais às quintas (Preço reduzido) e Domingo às 16 horas.

DRINKS A PARTIR DAS 17 HORAS

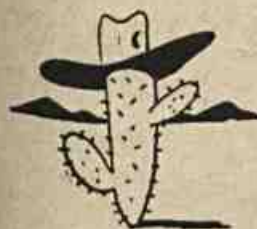
TEXAS BAR

RESTAURANTE

Especial Almoço Sábados e Domingos

AR CONDICIONADO

Av. Atlântica, 974 - A — Leme



DE BÓLSO

Praça General Osório

Tel.: 27-3122

Tudo às Segundas-feiras

TEATRO BRASILEIRO
DE MÍMICA

com: Don Diego Cristian

Sessão única
às 21,30

DE BÓLSO

Praça General Osório

Tel.: 27-3122

Aurimar Rocha

Apresenta

A COMPADECIDA

de Ariano Suassuna

Participação especial de

Agildo Ribeiro

Diariamente às 21,15 horas. Vesperais às quintas e domingos às 16 horas

SERRADOR

Rua Senador Dantas, 13

Tel.: 42-6442

EVA e seus Artistas

PLAYBOY

comédia de Luiz Inglesias com: Eva, André Villon, Beatriz Veiga, Paulo Navarro, Elizabeth Horn e como ator convidado: Adriano Ruys direção de Van Jafa.

Diariamente às 21,15 hs. — Aos sábados às 16 às 20 e 22 hs. — Aos domingos às 16 e às quintas-feiras. Preços reduzidos)

SERRADOR

Rua Senador Dantas, 13

Tel.: 42-6442

DEUTSCHES PROMI-
NENT-GASTSPIEL 1959

Wolfgang Lukschy, Ilse Steppat, Hans Albert Martens, Hans Henn e Gritta Neumann
Und Die Besten Schauspieler der

Deutschen Bühne
Buenos Aires
(20jähriges Jubiläum)

27: Juli: Budjuhn — Die 12 Geschworenen

31: August: Südermann, Die Schmetterlingschlacht
Sömente às Segundas-feiras

FALANDO DE CÃES



Miniatura Pinscher

J. ABOIM DIAS

Cão de Luxo — Pertencente ao 5.º Grupo

Conforme prometemos em o número passado desta Revista, proporcionamos hoje, aos queridos e inúmeros leitores de **TEATRO ILUSTRADO**, o feliz ensejo de apreciar o que seja uma "jóia canina".

O exemplar cuja fotografia estampamos, é **LADY LETTY DE GUARAREMA**, carinhosamente conhecida por "Zsa-Zsa", nascida no Brasil e que já se tornara campeã internacional.

Agora mesmo, esteve com o seu proprietário — **GILSON MACEDO SOARES** — nos **EE. UU.**, onde, na exposição especializada promovida pelo **MINISTRUA PINSCHER CLUB OF AMERICA** sagrou-se "best in show", além de conquistar valiosos troféus. Sua classificação, entretanto, representa o maior laurea que o seu dono poderia ter almejado e uma satisfação para os criadores nacionais que se dedicam aos cães de luxo.

Como o seu "standard" determina, o **MINPIN** é um ani-

mal de pequeno porte, de 22,5 à 32 cts. de altura à cernelha, com o peso máximo de 5,5 quilos. O comprimento dos machos é igual à altura, todavia, nas fêmeas, este é um pouco mais alongado.

Sua elegância, vivacidade, inteligência, afeição ao dono, são proverbiais, não encontrando rivais na hierarquia cinológica. É um cãozinho "ideal para apartamento" segundo "slong" de Hermany Filho, porque além do talhe pequeno, é bom vigia e extremamente asseado, o que

constitui prazer para quem o possui.

Características outras que o destaca das demais raças, mesmo daquelas de pequeno porte, são: pelagem curta, lustrosa, cabeça perfeita em proporção com o corpo, lábios pequenos, olhos levemente ovais, límpidos, brilhantes. O **MINPIN**, abreviatura de **Miniatura Pinscher**, é um cãozinho estruturalmente bem proporcionado, e, quem o possui, considera uma "jóia canina" e não se dedica a criação de outra raça...

Esporte e comentário

GUERRA DE MORTE AOS NEGOCIANTES DO FOOTBALL

ISAAC AMAR

O foot-ball nacional, que é merecidamente o melhor do mundo, não tem recebido o tratamento que faz jus. Detentor da Copa Jules Rimet de 58, o "soccer" indígena em matéria de excursão tem sido colocado em plano secundário. A culpa cabe aos próprios dirigentes de clubes. Deixam-se levar pelo canto de sereia dos negociantes de temporadas no estrangeiro. Os nossos grandes clubes se exibem no velho mundo por quantias irrisórias. Atuam quase que diariamente. É um absurdo. Aberra aos princípios de fisiologia. O organismo humano é tratado como se fosse máquina. Não há tempo para a recuperação de energias. Viagens seguidas e matches contínuos exigem além do máximo dos players patrióticos. As representações de nossa pátria se esfalfam a trôco de pequena remuneração. Porque esse estado de coisas? A razão é simples — como afirma o presidente Hilton Santos, do campeão de mar e terra. Falta-nos organização profissional. Os nossos grêmios ainda não se entrosaram com o regime surgido em 1933. Ainda se deixam embalar pelos sonhos amadoristas. Enquanto isso, o Real de Madrid sabe se fazer valer. Exige o máximo para se exhibir. Ha-

ja visto a fortuna solicitada para atuar entre nós.

— Porque? É que o clube da terra de Cervantes faz o verdadeiro profissionalismo.

Paga regamente seu plantel, e sabe explorá-lo. Não programa temporadas em cima do joelho. São estudadas e planejadas com antecedência. Sabe se fazer pagar, não cede um centésimo de seu preço. O Flamengo tentou infrutiferamente colocá-lo frente a platéia do Maracanã. Por acaso o esporte futebolístico espanhol é mais credenciado do que o nosso? Certamente, que não. Apenas há o fato de que sabe tirar proveito de seu cartaz. Este exemplo deveria frutificar entre nós.

Os nossos mentores deveriam agir com mais senso comercial. Deveriam ser estirpados do organismo profissional os que se locupletam à custa do "association" indígena. Nesse sentido, ao que parece já há um esboço. Vários presidentes de clubes, que foram lesados por "empresários", trabalham nesse sentido. Não devem esmorecer. Livrando o futebol desses "profiteurs" — aqueles desportistas terão prestado serviço de alta valia para a própria vida do esporte brasileiro. Mãos à obra.



CHIPRE

Crônica de ALTAMIRO DE MOURA

Barcelona, Junho de 1959 (via Panair do Brasil) — Há ilhas e Ilhas. Chipre é uma delas; e emerge agora de seus dias milenares vitalizada pelos fortes ventos deste sintomático e atormentado ciclo de vãos especiais. Assim são os povos que se não diluam à ação corrosiva dos séculos.

Rejuvenescendo-se com o elixir elaborado nos modernos laboratórios políticos, Chipre sacode o pó que embaciava sua visão. Depois das tormentas, apazigua-se a natureza e purifica-se a atmosfera. Só os brutos são impermeáveis ao esplendor da aurora. Às vezes, é verdade, o amanhecer é dramático; há, contudo, por merecê de Deus, o despertar estimulante e promissor. Os povos, como os indivíduos, vencem de um lado e fracassam de outro.

Chipre não hesita: enreda-se decididamente nos complexos problemas da hodiernidade. Da angústia, que a afligia, passa à liberdade, que a nobilita. Escreve o primeiro capítulo de sua independência no espinhoso caminho do respeito à dignidade humana.

Vale a pena mergulhar o espírito no poço fundo de sua agitada existência. Psicanaliza-se o indivíduo para a revelação de seus complexos; na vida dos povos, o conhecimento da história também contribui para a justificação de seus impulsos violentos.

Iluminemos o poço, nem que seja pàlidamente, e lá encontraremos Chipre a Antiga — Macária, a bem-aventurada, na expressão dos gregos. Neia, adorava-se Vênus, a que Horácio chamava de Poderosa, aludindo, sem dúvida, aos costumes licenciosos das gentes. Lactância também se refere aos hábitos livres que praticavam os adoradores de tão perigosa deidade. E' o matiz das priscaeras. Na de hoje igualmente há suas "deidades", talvez mais refinadas e mais públicas. Tudo concorda em gênero e número nas Civilizações, discrepando apenas os métodos.

Chipre não foi só fartura e fausto. Padeceu, certa vez, uma seca de trinta e seis anos; bosques e florestas reduziram-se a galhos retorcidos, e a fome e a miséria ceifaram homens e animais. Quem conhece o drama da miragem na terrífica desolação da natureza, antes ubérrima, sabe dos horrores dos alucinados. Mas as homens não se corrigem. Amedrontam-se ante o perigo, simulando arrependimento; refeitos, porém, do susto, entregam-se novamente, e com maior furor, às paixões irrefreadas.

A terra é mais generosa do que os homens. Pisam-na, assolam-na, retalham-na, e, sem queixume com admirável doçura maternal, ela obsequia ao homem os seus frutos e as riquezas fabulosas de suas entranhas. E Deus que sempre acode, mesmo aos pecadores impenitentes, irrigou abundantemente a terra que o diabo desolou. Chipre enverdeceu-se — encoparam-se as árvores e encachoeiraram-se as águas. E de seu ventre feudo brotaram, mais bela se tentadoras, flores e

frutas, e os homens e os animais regalaram-se com o borbotar da vida renascente. Até o vinho convertia-se de branco em tinto, numá tonificante longevidade de oitenta anos.

Entretanto, onde há beleza e abundância, ronda a cobiça. E Salim, aficionado ao vinho, não resistiu às maravilhas enebriantes; conquistou Chipre. Essas "tendências" não são privilégio dos Salim. Roma também as "cultivava". Não havia ali diamantes, esmeraldas, coral, cristal, e ouro, prata, cobre, ferro, chumbo, e cedros gigantescos? O melancólico "processo" de conquistas não variou muito até agora.

Depois de Jafet — filho de Moisés — que povoou a Ilha, segundo a tradição bíblica, sucederam-se as invasões "protetoras": Assírios, Persas, e Alexandre, e Ptolomeu — Rei do Egito — que se matou com a vitória de Catão. Com o perpassar do tempo — a *via-crucis* de Chipre é espantosamente larga — as hordas sedentas de riquezas, fizeram da "Ilha Rutilante" uma espécie de *Relais de la Bonne Fortune*.

São Paulo, o apóstolo pel'agraça de Deus, andou por lá semeando, não a malquerença, mas a palavra de Jesus Cristo. A melhor semente germinou no coração do Pretor Romano e do qual o então, Saulo, de nome hebraico, tomou o do latino Páblus. Muita água revolvida, mais tinturada de sangue do que de lodo, correu por sobre aquelas terras de prodigiosa fertilidade.

1570: começa outra história — a dos Turcos. E crescendo foi o formigueiro humano na incomparável Chipre. Cresceu tanto, que estremeceu a nova Torre de Babel. E' da confusão — ambiente propício às ambições — que nasce o ideal. Em toda floresta há uma árvore altaneira, frondosa, acolhedora. Assim é o ideal em meio ao bosque humano: custa a nascer, mas quando desponta e cresce e floresce e frutifica, nada há de maior importância.

1959: Chipre respira com os seus próprios pulmões...

O nosso cronista, ministro Altamiro de Moura, é conhecido intelectual, servindo, presentemente, como consul geral do Brasil em Barcelona.

ASMA?

COQUELUCHE? BRONQUITE?

Há meio século, vem o REMÉDIO DO DR. REYNGATE dando alívio aos portadores de afecções bronquiais. Fórmula de notável cientista inglês, exclusivamente feita de vegetais, são essas gotas o maravilhoso preparado que alivia e proporciona um bem-estar instantâneo aos portadores de bronquites, crônicas ou recentes, coqueluche, pigarras, ânstas, astixias, chiados e dores no peito. Qualquer que seja a origem de sua tosse, seca ou catarral, o REMÉDIO DO DR. REYNGATE realiza um tratamento com apenas um vidro de uso. Nas farmácias e drogarias locais, ou Caixa Postal, 6, Méier — Rio.

ATO VARIADO



de JORGE MURAD

Se fizéssemos uma "enquôte" entre os habitantes do Brasil, quais seriam as peças preferidas?

Para os nordestinos a peça de maior agrado não seria "Chuva"?...

E para a juventude transviada? A preferência não recairia em "Moral em Concordata"?...

E os políticos, em geral, não dividiriam a opinião? Uns, pelo "Perdoa-me, por me traíres". Outros por "O homem que chutou a consciência". Outros ainda por "Comício". Os mais exaltados por "Os inimigos não mandam flores". E os mais despeitados não citariam "Calúnia"?...

E os chefes dos partidos, em vésperas de eleição, não apontariam "6 personagens a procura de um autor"?...



Leopoldo Roth & Irmão

FÁBRICA DE LUSTRES DE BRONZE
METAL E FERRO BATIDO

Aceitamos Encomenda,
conserto, reforma e
Adaptações.

RUA FREI
CANECA, 25 LOJA

Tels.: 22-6726
32-2928



E a preferida dos candidatos à suprema magistratura? Não seria "O vendedor de ilusões"?...

E as manicuras, não dariam os seus votos para "As mãos de Euridice"?...

Os dirigentes do Banco do Brasil não patrocinariam, com prazer, a encenação de "O avarento"?...

Os homens da censura não exigiriam "Festil os nús"?...

E se os funcionários da Central escolhessem "O rei do ferro velho", alguém estranharia?...

Barreto Pinto não escolheria "As Mulheres"?...

E os filhinhos de papai rico? Não seria de seu agrado, "A herança"?...

Assim como de certos "play-boys", não seria "O dote"?...

E se a pergunta fosse dirigida a essas garotas levianas. Elas não responderiam: "Se quer... dia logo!"/>...

Se se estendesse o questionário aos índios? Eles na sua inocência, não escolheriam "Tem bubu no bobó"?...

Os contraventores, por certo, não escolheriam "Está lá fora um inspetor"...

E se o diretor desta revista perguntasse a mim se eu estaria de acordo com as respostas, só para fechar a página, eu diria o seguintes "Assim é... se lhe parece"!...

ARTISTAS (velhos e moços)

Na época atual, agitada, febril e enervante, exige do homem grande força de vontade para vencer todas as dificuldades que se lhe depararam na árdua luta pela existência. Quando um homem tem o sistema nervoso descontrolado, quando sofre de insônia e falta de memória, irritabilidade e fraqueza senil, ele não pode de forma alguma, firmar a sua vontade, candidatando-se, assim, a inteiro fracasso no exercício da sua profissão. Em tais casos torna-se imprescindível o uso de um tônico poderoso, que combata rápida e eficazmente o mal. Esse tônico só poderá ser GOTAS MENDELINAS, o surpreendente restaurador do sistema nervoso, o remédio que faz maravilhas pelo seu poder estimulante das energias vitais. Nas farm. e drog. locais ou pela Caixa Postal 6, Méier, Rio de Janeiro.

Resenha Social de Julho

Aniversariam neste mês:

1. SENHORES: Jorge Leal Costa, José S. Gaças Viana, Alberto Rimes, Daniel Rabelo, Elias Esqueval, José Pio da Costa, Júlio de Lacerda, Plínio Buzo. **SENHORITAS:** Maria de Lourdes de Andrade Cunha, Maria Izabel Pinto Lopes.

2. SENHORES: João Heliodoro de Miranda, Roberto Cabral, Júlio Miguel Ribas, Justino de Souza Costa, José Vieira Machado, Antonio Moreira do Carmo.

3. SENHORES: Raimundo de Vasconcelos Aboim, Breno Caldas, Plínio Melo, Ciro Marques de Souza, Rocha Lago Filho, Emanuel M. Pereira, João de A. de Assis Viegas, Carlos Castelo Branco, José Mota Maia, Enio de Souza Mendes.

4. SENHORES: Dante Miraglia, Otávio Guimarães, Mário Xavier de Araújo, José Rubens de Paiva, Vicente Paz Furtelena, Oberon Bastos de Oliveira, Armando Guimarães de Almeida, Amílcar Mendes Pereira, Tobias Pinheiro.

5. SENHORES: Persifal Barroso, Evaristo de Moraes Filho, Osmi Duarte Pereira, Tito Leite, Osvaldo F. Pacheco, Fernando Segismundo, Draull Ernani, Eaná Afonso de Carvalho, Leão Carvalho, Carleto Botelho.

6. SENHORES: Djalma Cunha Melo, Paulo Luis Leitão, Arquimedes de Azevedo, Henrique Singer, Gui Arditi, Mauro Ronado, Rufênio de O. Guimarães. **SRITA:** Benilda da Costa e Silva.

7. SENHORES: Oto Sacha, Carlos Reis, Ezequiel Ferreira, Mário M. Fabião, Osvaldo Leite Rocha, Cónego Assis Moreira, Manuel César Rocha.

8. SENHORES: Mário Melo, Júlio C. Cineli, Ulisses Pereira de Noronha, Ottoniel da Silva Santos, Washington de Campos, José Jesus Machado, José Luis Afonso Ferreira, João Cândido Monteiro de Barros Matos.

9. SENHORES: Antonio Pinheiro Carvalho, Adroaldo Lopes Sussekind, Valença Darci, Fernando de Carvalho, Armando Lourival Rodrigues Veneza, Armando de Almeida, Antonio Vesputiano Ramos.

10. SENHORES: Osório Pinheiro, Eulábio Simões dos Santos, Altino Faria de Eduardo Carvalho, Henrique Tardes da Silva, Lauro Pinheiro Guimarães, Djalma José Marques, Tarso Coimbra, Luis Teixeira Gomes.

11. SENHORES: Sebastião de Oliveira Gomes, Miguel Pizzolante, Kurt Adler, Bento Joaquim Fernandes, Jaime Ramos Queiros, Luiz Felipe do Ré-

go Barros, Almir Pedro Moreira, Flávio Roberto de Souza Lima. **SENHORAS:** Francisca Pinheiro Rigueira, Lucinda de Souza Batista, Júlia Fernandes.

2. SENHORES: Anísio Teixeira, Clóvis de Campos, Orígenes Lessa, Evandro Maçã, Flávio G. de Matos, Aristides B. de Souza, Milton Seabra. **SENHORA:** Helena Rosa Puoci dos Santos. **SENHORITAS:** Rosana de Oliveira e Maria José de Souza Braga.

3. SENHORES: A. Carvalho Guimarães, José Fabrino, Joel Presídio, Julião A. de Barros, José Schiavo, Osvaldo Paixão, Cleodomir Galvão Jucá.

4. SENHORES: Maurício de Medeiros, João Alfredo Bertozzi, Rubem Castro Lourenço, Otaviano Caldas, Manuel Viotti, Otávio Bratter de Pinto, Serzedelo Silveira Louro, Firminio Peribanez.

5. SENHORES: Luiz de Paula e Silva, José Almeida, Manuel Couto Duarte, Aluisio Barata, Sebastião de Araújo, Júlio de Moraes.

6. SENHORES: Francisco Luiz Leitão, Luiz de Sá Cavalcante, Antonio do Carmo Silva, Francisco Gurgel do Amaral Valente, Manuel Pinto, Manuel Abad, Pedro Paulo Lemos, Carlos Alberto Lima.

7. SENHOR: Carlos Chaves Millet. **19. SENHORES SENHORES:** Paulo Godói, Eugênio Almeida Magalhães Filho, José Joaquim de Azevedo Junior, João Batista Nogueira dos Santos. **SENHORA:** Antonieta Lott.

19. SENHORES: Benjamim Moraes Filho, José Alves Belém, Armando de Azevedo Santos, Aluisio Leite, Valtir Santos, Rosário Fusco, José da Silva Távora. **SENHORA:** Maria Serra Franco.

20. SENHORES: Hipólito de Oliveira, Eurico de Melo, Argeu Alceu Pinheiro, Orlando Massa Fontes, Francisco Sales, Lourival Fontes, Paulo Bittencourt. **SRITA:** Lais Ribeiro da Silva.

21. SENHORES: Rafael Guaspari, Eduardo Nilo Souza Mendes, Rui Coutinho, Alvaro Marcilio, Oton de Carvalho Menezes, Carlos José Rodrigues. **SRITA:** Mariuzinha de Souza, Amélia Carvalho Timóteo de Costa.

22. SENHORES: Manuel Pinto, Evandro Gomes Torres, Armando do Carmo, Manuel Sá Frixoto, Heráclio de Almeida Barbosa, Aníbal Fabiano Lopes. **SENHORA:** Maria José da Silva Oliveira. **SRITA:** Zília Magalhães Pacheco, Aurélia Wanzeler Figueira. **SENHORA:** Olimpia Leal Barbosa.

23. SENHORES: Guilherme de Almeida, Vanderlino Nunes, Carlos Alberto de Cantuária Gama, Virgílio Benvenuto, M. Gomes Filho. **SENHORAS:** Líbia Pacheco Passos, Odete Martins Fernandes, Deiza Falcão da Fonseca.

24. SENHORES: Paulo Lins Leal Paixão, Floresta de Miranda, José de Azevedo Soárez, Luiz Pinto de Almeida, Gualter de Pinto Bastos. **SENHORA:** Hilda Ramos Nogueira.

25. SENHORES: José Vitor Sobrinho, Jorge de Oliveira Maia, David Lopes, M. H. Monassa, Arlindo Melo, Júlio do Amaral, Afonso Psaous.

26. SENHORES: Jorge Dória, Arlindo Cardoso, Euclides Deslandes, Manuel Lavrador Filho, Artur Gouveia, Edgar Brito Chaves. **SENHORA:** Conçeta Balbi de Souza.

27. SENHORES: Claudino de Oliveira, Cruz Lessa, Murilo Noronha, Benedito da Silva Sena, Jarbas Leão Padilha.

28. SENHORES: Artur Fomm, Sócrates Diniz, Arquimedes Fortini, Ben-

jamin Martins Correia, Paulo Antonio Teles Bardi. **SENHORA:** Graciema Witte.

29. SENHORES: Rui dos Santos Bastos, A. A. Marques da Silva, Olavo Souto Vilaça, Joaquim de Queiroz Lima, Adalberto Calçada da Rocha. **SENHORA:** Herminia da Costa Regua, Diborah Deslandes Rodrigues.

30. SENHORES: Frixoto de Castro, Acir Tavares Bouchat, Oscar da Costa, João Ferreira de Souza, Antonio Batista Lima.

31. SENHORES: Ricardo Machado Júnior, Georgino Avelino, Jarbas de Carvalho, Ephraim Rizzo, Armênio Oliveira Jourvin Alberto Pádua de Araújo. **SENHORITAS:** Madalena Angelo de Oliveira, Vera Regina da Silveira.

FABRICA BANGU

TECIDO PERFEITO
FORMAZA DE CORES
LINDOS PADRÕES
DURABILIDADE

BANGU

EXIJA NA OURELLA

BANGU - INDUSTRIA BRASILEIRA

Vidraçaria LEBLON

Finalmente os moradores de Leblon, Gávea, Ipanema e Copacabana têm agora a sua Vidraçaria com grande estoque de vidros de variados tipos.

Molduras as mais modernas e diversas
TODO E QUALQUER METAL CROMADO, TAIS COMO PARAFUSOS, CABEÇAS CRISTAIS, CANTONEIRAS, ETC.

Atendemos com a maior presteza
Espelhos, Carraux, Cristais, Instalações comerciais, Obras, Molduras.
RUA JOÃO LIRA, 84 - A
(ao lado do Mercado do Disco)
Tel.: 47-3934

SEJA ELEGANTE!

PASSANDO A USAR AS
 CAMISAS SOB MEDIDA
 FEITAS PELO

Fernando, Camizeiro

ESCOLHENDO VOCÊ MESMO
 O TECIDO E O PADRÃO QUE
 MAIS LHE AGRADAR

AV. PASSOS, 67 - 1.º AND.

TEL.: 43-8169

A CÊNA POLÍTICA

A. L.

À hora em que escrevemos estas notas, anda o PSD vivendo o drama hamletiano da escolha de rumos no complicado sistema de rotativas por onde se escoa o problema da sucessão presidencial. Uma indicação poderá sair a qualquer momento da fermentação de cálculos em que se estão empenhando os estrategistas do partido majoritário. Uma indicação para Lott, o ás de espadas, que poderá fazer a fortuna de alguns mas seria o azar de outros.

• • •

NÃO temos por que duvidar do remate final das variações pesedistas. Posta em termos irrecorríveis a candidatura do homem da vassoura, a opção dos grupos que giram em torno da situação dominante já está profetada. Ou Lott ou ninguém. Fôca daí, qualquer marcha pesedista poderá ser uma interrogação. Os que, no partido majoritário, por hábito ou por tradição, armam o seu jogo político em precedentes eleitorais, a interrogação ainda vale como uma esperança.

• • •

ENTÃO, indagam: Lott nos dará a vitória? Vemos todos eles debruçados sobre cálculos e estatísticas. É curioso que nesse balanço de probabilidades, o candidato

da oposição, isto é, da UDN, do PDC e de certas cidades latentes do povo sofredor, é que serve de ponto de partida para os acertos finais.

• • •

E dizem: Jânio parte de São Paulo, na pior das hipóteses com um milhão e quinhentos mil votos. Pois não deu a Carvalho Pinto, um osso duro de roer, um milhão e trezentos mil? Tira do Paraná outro meio milhão. Sua votação em Minas irá pela mesma casa. Outro tanto no Distrito Federal. Tudo isso sempre nas hipóteses mais pessimistas. Somadas as parcelas a vassoura janista varrerá para urnas presidenciais, simoniacas nestas quatro bases, cerca de três milhões de sufrágios. E Lott?

• • •

ASSOALHAM que o senador Benedito Valadares, com o assentimento do almirante Amaral Peixoto e a confirmação entusiástica do general Felinto Müller, tem sempre na ponta da língua esta interrogação inquietadora: qual a grande base do marechal Lott? De onde partirá ele com um milhão e quinhentos mil votos?

• • •

DOMINADO pelo complexo dos antecedentes eleitorais, o PSD se vem alimentando de dúvidas. Ora, a dúvida é má conselheira. Está nas peças de teatro. Está no drama shakesperano. Partido do poder, que sabe exercer o poder, que sempre viveu dele, o majoritário sabe muito bem o quanto custa uma derrota. Muitos dos seus filiados sustentam que, em verdade, Lott não é indesejável nas fileiras partidárias. Indesejável é a derrota que o PSD teme, como o diabo teme o sinal da cruz.

• • •

A minoria agressiva do PSD, a chamada "ala moça", ela que por ser moça tem na desenvoltura o seu grande patrimônio, quer Lott assim mesmo. Sabe que, com essa candidatura nas ruas, poderá mobilizar consideráveis parcelas da opinião pública não só em favor do candidato mas também em benefício da grande ânsia que anima os políticos novos de desenterrar um papel próprio, uma posição de liderança na boca da cena.

• • •

DESTARTE, é hora de dúvida que os dias que se seguirão a este escrito, ditarão a sorte do partido majoritário. Não é fácil dizer que ela estará pendente dos galhos que ornaram os ombros impolutos do chefe da revolução novembro-brista. Mas é difícil negar que só com extremos riscos para o sistema político representado pelo PSD e talvez para o próprio regime, esta sorte não repouse mesmo na capacidade de manobras e na respeitabilidade política e popular que o valeroso líder dos movimentos de novembro inspira aos comandantes atuais da política situacionista brasileira.

VOCE SABIA? — Que pode obter transferência, novas ligações, fechamento de contas de luz e gás discando para 43-8870? Anote em sua agenda este número: 43-8870.



Chope Claro e Escuro

Especialidade

em

Pratos Frios

Aberto até às 0,30 hs. (meia-noite e meia)



BOM
DE
FATO!



31 anos de bons serviços

Dia e noite, pelas extensas estradas brasileiras, correm os caminhões super modernos do Expresso Mauá. O ronco dos seus motores possantes, subindo serras, percorrendo infindas planícies, por tôda parte, traduz o escoamento contínuo das riquezas, da produção e das trocas mercantis. Pois aqui estamos mais uma vez, para oferecer a V.S. o nossos 31 anos de experiência e conceito, adquiridos em dias e noites de trabalho consciencioso, com o fito precípua de ganharmos uma justa recompensa: a preferência de todos.

Belo Horizonte



Juiz de Fora

Petrópolis

S. Paulo

Rio de Janeiro

Santos

EXPRESSO MAUÁ

GUARDA - MÓVEIS — MUDANÇAS
EMBALAGENS — ENGRADADOS — DESPACHOS
PRACA MAUÁ, 73 TELS.: 23 - 4153 e 23 - 3249